

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

|                                                                                                     |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| II Congresso dos Religiosos .....                                                                   | 65  |
| Traços biográficos do Madre Maria das Neves<br><i>por uma Carmelita da Divina Providência</i> ..... | 69  |
| Cinquenta anos de presença no Brasil: 1904 - 1954<br><i>P. Frei Francisco Maria Hérail,</i> .....   | 73  |
| As Casas de Formação: Juvenatos<br><i>P. Newton Pimenta, S. V. D.</i> .....                         | 78  |
| Carta a uma Superiora<br><i>Pe. Geraldo Fernandes, C. M. S.</i> .....                               | 91  |
| A Renovação da Catequese<br><i>M. Teresa de Cristo Lésier, O. S. U.</i> .....                       | 92  |
| A Obra de Paula Frassinetti<br><i>Por uma Religiosa Dorotéia</i> .....                              | 99  |
| A Ordem Premonstratense<br><i>Cônego Guilherme Adriansen, O. Prem.</i> .....                        | 110 |
| Semana Catequética em Ribeirão Preto .....                                                          | 121 |
| Diretrizes para obras religiosas que tenham leigos na direção .....                                 | 123 |
| Novas Fundações .....                                                                               | 126 |
| Santos Fundadores .....                                                                             | 127 |

COM APROVAÇÃO ECL. SIÁSTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.



## II CONGRESSO DOS RELIGIOSOS

São Paulo, de 16 a 21 de Julho de 1956

De acôrdo com os Estatutos da Conferência dos Religiosos do Brasil, art. 11.º, letra "a", deve a Diretoria convocar a Assembléia Geral, ordinariamente cada três anos, e em via extraordinária, quando circunstâncias graves o exigirem. Segundo o art. 9.º a Assembléia Geral é constituída pelos Superiores Maiores, ou por quem os representar legitimamente.

Dando cumprimento a estes dispositivos regulamentares, em sessão ordinária do mês de Janeiro do corrente ano, a Diretoria julgou bem convocar o II Congresso dos Religiosos — forma pela qual se realizam nossas Assembléias Gerais — para a terceira semana do próximo mês de Julho, 16 a 21, na cidade de São Paulo.

Determinam ainda os Estatutos, no art. 10.º, as atribuições da Assembléia Geral, delimitando-as à eleição da diretoria, cada três anos, à modificação dos estatutos, ao exame e aprovação dos balanços apresentados pelo tesoureiro, aprovação do regimento interno dos Departamentos, e estudo dos problemas da organização e realização dos planos elaborados. Tudo isto será feito no próximo Congresso, se Deus quizer, com exceção da modificação dos Estatutos, porque não se julga necessária. A Conferência se desenvolveu muito bem com os atuais, e uma longa estrada lhe resta ainda a percorrer, dentro dos caminhos traçados.

Esperamos portanto encontrarmo-nos de novo, em São Paulo, na mesma atmosfera de caridade fraterna e com o mesmo espírito de família, características dos dias do primeiro Congresso, vivido no Internato São José e no Colégio de Sion. Uma diferença, porém, certamente se verificará, sobretudo nas disposições psicológicas dos congressistas. Quase todos nós viemos ao primeiro congresso com a desconfiança generalizada que reina a respeito dos congressos e conferências. Tudo se resumiria em belas teses e belos discursos, quem sabe acertadas e oportunas conclusões, e depois cada qual voltaria para a própria casa, e tudo como antes. Já verificamos que não foi assim. O primeiro Congresso teve uma sequência magnífica de frutos con-



cretos, positivos, na realização do programa de atualização e organização dos religiosos. A C. R. B. não foi apenas uma conclusão, não ficou reduzida a pio desejo, pois se concretizou logo num organismo "extremamente ativo", como o qualificou uma revista belga, analisando o movimento de atualização pelos diversos países. Todas as conclusões do Primeiro Congresso foram realizadas, com uma exceção apenas, a publicação de seus anais, que até hoje não se fez. E é possível que não se faça. O Congresso não se encerrou, mas continuou, permanente, operante, na Conferência. Em vez dos Anais, que iriam empoeirar nas estantes das bibliotecas, preferimos a criação dos serviços e dos Departamentos, e a publicação da Revista, que todos os meses visita as comunidades religiosas de todo o Brasil, reavivando os ideais do nosso movimento.

Ao convocar o segundo Congresso, pensamos naturalmente na prestação de contas. Não tanto na prestação de contas financeira, no balanço. Esta é a mais fácil e mais simples de se fazer. Pensamos na prestação de contas do apostolado e das iniciativas, do trabalho que nos propusemos realizar em favor das comunidades religiosas. Alguma coisa se fez, nestes dois anos e meio !de mandato da atual diretoria. Não tudo, nem tudo com tóda perfeição. Alguma coisa deveria ficar para a segunda diretoria, e acreditamos que, dada a natureza de nossa organização, haverá sempre um rol de coisas por fazer, que uma diretoria entregará à outra. Entregaremos satisfeitos, aos nossos continuadores, os resultados até agora alcançados, na certeza de que mais e melhor se fará no próximo triênio.

De acódo com os Estatutos, a primeira atribuição da Assembléia Geral é eleger a Diretoria, de três em três anos. E julgamos muito bem pensada e acertada esta disposição. O melhor para a Conferência é a renovação periódica de sua Diretoria. Novos elementos, novos problemas, novas iniciativas, novas congregações assumindo o fardo das responsabilidades comuns mais pesadas. Renovar a diretoria é impedir a estagnação e a rotina. E não tememos o perigo da descontinuidade administrativa. O quadro de funcionários permanentes da Conferência, religiosos e leigos, é suficientemente grande, dedicado, e ótimamente bem preparado para as funções que lhe são atribuídas. Este quadro permanente garante a continuidade de todos os serviços básicos da Conferência, mesmo com a renovação de sua diretoria. Outras iniciativas se poderão somar às antigas. Mas as que hoje se desenvolvem, estão suficientemente bem consolidadas. Pode portanto o Segundo Congresso, em obediência aos preceitos regulamentares, eleger outra Diretoria, para conduzir nossa Organização, até 1959.



O Congresso estudará um temário, que desde já apresentamos aos nossos leitores, em ante-projeto, aguardando suas sugestões. Do acerto de um temário depende o êxito de um Congresso. Nem assuntos particulares, incapazes de prender a atenção e despertar o interesse da coletividade, nem assuntos de segundo plano. No primeiro Congresso, a idéia mestra foi a formação, o governo e o apostolado dos religiosos, face às condições novas em que nos encontramos hoje. Atualização e organização, eram as duas idéias fundamentais. O último tema era uma consulta à opinião que de nós faziam os Exmos. Senhores Bispos e o Clero Secular.

O segundo Congresso, até no seu temário, continua o primeiro, completando-lhe um aspecto de relêvo, que é o da colaboração entre os religiosos e religiosas por um lado, e a paróquia e diocese por outro. Assim, o esquema do nosso temário está elaborado da seguinte forma:

1 — *A situação dos Religiosos no Brasil. Densidade e distribuição pelas Unidades Federais. Distribuição dos Religiosos pelos vários ministérios, e destes nas várias regiões do país. Critério nas obras novas. Vinda de religiosos do exterior. Novas congregações brasileiras.*

2 — *Cooperação dos religiosos com a diocese e a paróquia. Exame da situação. O espírito de colaboração. As exigências do direito e da caridade. Colaboração mútua e unilateral. O que há ainda por fazer. Manter, na colaboração, o espírito religioso e a disciplina.*

3 — *A paróquia confiada a religiosos. O religioso paróco. As associações paroquiais e as associações da congregação. A paróquia dos religiosos entrosada nos movimentos diocesanos. Os religiosos auxiliando o paróco secular.*

4 — *As obras dos religiosos e a colaboração com a paróquia e a diocese. Pessoal e finanças. Obras por administração. O sentido da comunidade paroquial e diocesana. Unidade nos movimentos de apostolado, variedade de métodos, formas e coloridos.*

5 — *As grandes frentes comuns de apostolado: obras sociais, catequese, protestantismo, espiritismo, formação cívica.*

6 — *Relatório. Prestação de contas. Programa de atividades e financiamento para o próximo triênio. Eleições.*

O terceiro tema deverá ser adaptado para as religiosas, da seguinte forma: "A religiosa colaborando no ministério paroquial. A organização da catequese. A assistência social desenvolvida pela paróquia. Direção de associações paroquiais. As visitas às famílias. O cuidado da igreja e da casa paroquial.



Simultaneamente com o Segundo Congresso dos Religiosos, deverá realizar-se a assembléia nacional da Associação de Educação Católica, de acôrdo com o programa que será oportunamente divulgado. A estarmos pelos estatutos, a AEC deveria ter feito sua assembléia em janeiro de 1956, e a C. R. C. faria o Congresso em janeiro de 1957. Considerando, porém, que em muitos casos, os superiores e religiosos que se deveriam locomover seriam os mesmos, pensaram as duas diretorias que seria melhor atrazar de seis meses a AEC, e adiantar de outro tanto a CRB, para que os encontros se fizessem na mesma época, do que esperamos vantagens para todos.

Mas não só os educadores se reunirão na sua própria assembléia. Também os religiosos e religiosas dedicados a enfermagem, catecismo, missões populares, serviço social, missões indígenas terão suas reuniões próprias, de acôrdo com temário previamente elaborado. Haverá um curso de administração, e um encontro especial dos editores religiosos. São muitas as Congregações que se dedicam à boa imprensa, sob as mais variadas formas. E a idéia de se encontrarem aqueles que atualmente respondem por êste setor de apostolado da sua própria família religiosa, veio, muito oportunamente, da parte de vários religiosos ocupados neste ministério. Também as mestras de noviças terão finalmente o curso que lhes foi prometido, e que já nos tem sido cobrado tantas vezes pelas interessadas.

Há portanto muito que fazer no próximo Congresso. Demais, dirão alguns. Não o cremos. Uma organização eficiente, a começar pelo serviço de viagens e hospedagem, até as várias secretarias necessárias para êste grupo variado de atividades, nos poderá proporcionar dias de atividade ordenada com os frutos que todos esperamos.

Como primeiro, também o segundo congresso se coloca de modo particular sob o manto protetor da Virgem Santíssima, e se alicerça nas orações de todas as comunidades religiosas. Não se devem ter esquecido as religiosas do Distrito Federal, da insistência com que lhes pedimos que rezassem pelo Congresso. E foram estas orações que nos garantiram as bênçãos de Deus. Será assim também no Congresso de Julho, em São Paulo, para que êle possa não apenas consolidar, mas ampliar ainda mais o apostolado de atualização e organização que principiou tão bem e se vai difundindo tanto para a glória de Deus e salvação das almas.

Rio, 25 de Janeiro de 1954

Festa de São Paulo Apostolo

A Diretoria



# TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE MADRE MARIA DAS NEVES

Por uma Carmelita da Divina Providência

Nasceu Madre Maria das Neves na antiga Fazenda do Bom Retiro, Município de Franca (Estado de São Paulo), a 2 de Março de 1859.

Filha legítima de Antônio Severiano Rodrigues e Maria Antônia das Neves, recebeu no batismo o nome de Rita de Cássia, em homenagem à grande santa agostiniana, como prenúncio, talvez, de que lhe viesse a seguir os passos, percorrendo os diversos estados de vida cristã.

Realmente, por vontade expressa dos pais, que a educaram nos princípios sólidos da verdadeira Fé, ingressou no estado de matrimônio, portando-se como modelo de esposa cristã.

Enviuvando cedo, sem descendência, entregou-se inteiramente à prática da caridade para com os pobres e os doentes, obrigando-se a isto por um voto, antes mesmo de se fazer religiosa. Residia, então, no Rio onde veio a conhecer D. Francisco do Rego Maia, ainda como Vigário Geral de D. João Esberard, Arcebispo do Rio de Janeiro, e o Dr. Oscar de Macedo Soares, ilustre jurisconsulto fluminense, ambos figuras de relêvo na história da fundação de sua família religiosa.

O primeiro, D. Rego Maia, nomeado Bispo de Niterói, seria o instrumento escolhido pela Providência para encaminhar-lhe os passos na realização de sua Obra. O segundo, Deputado, e, depois, Chefe de Polícia do Estado do Rio, lhe apresentaria os meios de executar seu caritativo desígnio de consagrar-se a Deus na pessoa dos pobres e dos pequeninos, oferecendo-lhe a direção da Casa de Caridade "Nossa Senhora de Nazaré", de Saquarema, sua cidade natal, tornando-se, depois, grande benfeitor da sua Congregação.

Tomando a direção do estabelecimento hospitalar em 1897, Madre das Neves dedicou-se com todo o empenho ao exercício do seu delicado



ofício, merecendo justamente o título que, volvido mais de meio século, ainda lhe dão antigos moradores de Saquarema — o de Anjo dos pobres.

Sua atividade estendia-se também à alma dos seus protegidos. Fez-se ardorosa catequista, preparando as crianças para a recepção dos sacramentos, e instruindo os adultos. Sua jovialidade e serenidade fizeram-na conquistar muitos para o caminho do bem.

Conhecendo-lhe as atividades e os raros dotes de espírito e de coração, D. Rego Maia deu pronto despacho ao pedido que a piedosa senhora lhe dirigiu, a 8 de Novembro de 1899, permitindo-lhe usar uma veste religiosa (vestido e murça marron, e véu preto), e se consagrar ao serviço dos pobres e dos enfermos, nos Hospitais e Casas de Caridade.

Estava, assim, oficializada a sua situação perante a Autoridade eclesiástica, pois Irmã Maria das Neves já fizera particularmente os votos religiosos, e usava o hábito citado, desde 1897.

Atendendo ao seu desejo de vida perfeita, S. Excia. aconselha-a a se abrigar à sombra de alguma Ordem religiosa, como Terceira, apontando-lhe a dos Franciscanos, ou a dos Carmelitas, existentes no Rio de Janeiro.

O amor à Virgem SS. leva-a a procurar o Carmelo. Assim a 2 de Dezembro de 1899, na IGREJA DO CARMO, DA LAPA (RIO), ela se reveste do santo hábito carmelitano, recebendo-o das mãos do Revdo. Prior, Frei Carmelo Pastor Moll, que a instrui nos deveres do seu novo estado, lhe dá as Constituições das Carmelitas de Vich (Espanha), para seu governo e estudo, e lhe confere novo nome, em substituição ao de Rita de Cássia Aguiar (seu nome civil).

Já em Saquarema, algumas jovens se haviam unido a ela, desejosas de se consagrarem também a Deus, segundo o seu ideal. Era a família religiosa que se esboçava, então.

Não lhe sendo possível continuar a trabalhar na pequena cidade, por causa das dificuldades espirituais e materiais que se lhe antolhavam dia a dia, D. Francisco do Rego Maia incumbe ao Dr. Oscar de Macedo Soares providenciar o seu estabelecimento em Campos, onde S. Excia. desejava vê-la à frente do tradicional Asilo da Lapa.

A única companheira que lhe ficara, recebera também o hábito do Carmo, na mesma Igreja da Lapa (Rio), das mãos de Frei Alberto Capdeville, sucessor de Frei Carmelo, a 15 de Dezembro de 1901, com o nome de Irmã Clara de Jesus.

A 21 de Abril de 1902, se estabelecem em Campos as duas primeiras Carmelitas. Já duas vocações lá haviam surgido no ano anterior, e D. Rego



Maia deixara autorização a Monsenhor Cruz Paula para recebê-las como Noviças, de acôrdo com o Prior do Carmo do Rio, impossibilitado de fazê-lo. A vestição se realizou a 24 de Maio daquele mesmo ano, na Igreja da Lapa (Campos), recebendo as candidatas os nomes de Irmã Margarida do Coração de Jesus e Irmã Rita do Espírito Santo. Ambas professaram um ano depois, com permissão de D. João Francisco Braga, que sucedera a D. Rego Maia.

Irmã Maria das Neves encontrou no segundo Bispo de Petrópolis (a séde da Diocese se mudara de Niterói) um Pastor zelosíssimo e um verdadeiro Pai.

Admirando a coragem heróica da Fundadora, o seu espírito de fé e de confiança na Providência, sua devoção filial a Nossa Senhora e sua humildade, D. Braga secunda-lhe os piedosos desígnios e se constitui Amigo fiel e Protetor seguro da Congregação que surgia, da qual se tornou o Fundador canônico.

Já S. Excia. permitira à Irmã Maria das Neves que cooperasse diretamente na fundação do Asilo do Carmo (Campos), para os velhos, inaugurando-o a 8 de Agôsto de 1904.

Dedicando-se com todo ardor e generosidade ao trabalho, a virtuosa Mãe experimenta logo o desgaste de suas fôrças físicas, não resistindo a uma gripe fortíssima, que a ataca em Setembro de 1905.

A conselho médico, e com autorização diocesana, dirige-se ao Rio de Janeiro para uma consulta a um especialista. Era a tuberculose que já lhe minava o organismo!

Em Janeiro de 1906, regressa a Campos para, como dizia comovida, “morrer no meio de suas filhas”.

Por bem dois meses, prêsa ao leito, suportou com heroismo, dôres, sufocações, sofrimentos físicos e morais indizíveis, sem uma queixa, sem um movimento de impaciência, inteiramente abandonada às mãos de Deus.

Afinal, a 8 de Março de 1906, pela madrugada, aos 47 anos de idade e pouco mais de 6 de vida religiosa, vem a falecer, em odor de santidade, no Asilo da Lapa, legando a suas filhas os mais belos exemplos de virtudes religiosas e morais.

Seus preciosos despojos foram inumados no Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, de Campos, carneiro n.º 7. Exumados em 1911, foram, depois, transladados para Cataguases, em 1912, quando se deu a transferência da Congregação para a Arquidiocese de Mariana. Repousam, hoje, no



cemitério local de Cataguases, em modesta urna, no jazigo das Carmelitas, à espera da ressurreição.

\* \* \*

Madre das Neves se distinguia pela caridade compassiva e acolhedora para com todos, especialmente para com os pobres e os pequeninos.

De trato ameno e delicado, embora de natural vivo e alegre, possuía o condão de atrair as almas para o bem, levando-as a amar a virtude. De tal modo, porém, soube guardar “o segredo do Rei” que poucas palavras dela se conservam. Era uma alma de silêncio e de prudência, amiga da Cruz.

Costumava repetir a suas Irmãs:

— “Minhas Filhas, a vida é curta. Vivamos com a consciência tranquila e teremos o Céu perto de nós”.

Sentindo-se morrer, procurava animar sua Comunidade, dizendo:

— “Não tenham medo! Deus é o Pai dos órfãos. Lá do Céu ser-me-á mais fácil guiar e proteger a pequena Família que vou em breve deixar. Pedirei a Deus por todos”.

Palavras realmente proféticas. A sementinha por ela deixada vicejou lenta, mas seguramente, sob as bênçãos de Deus e o olhar de sua excelsa Patrona, a Virgem do Carmo.

\* \* \*

## DECRETOS DE MAIOR RELEVÔ NA HISTÓRIA DA CONGREGAÇÃO

**EREÇÃO CANÔNICA** — Oito de Setembro de 1907, baixado em Petrópolis, pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. João Francisco Braga, Bispo Diocesano.

**AGREGAÇÃO À VENERÁVEL ORDEM DO CARMO** — Nove de Setembro de 1913, baixado em Roma, no Colégio Santo Alberto, pelo Revdo. Prior Geral, Frei Pio Maria Mayer.

**ADAPTAÇÃO DAS SANTAS REGRAS E CONSTITUIÇÕES AO DIREITO CANÔNICO** — Dois de Fevereiro de 1925, baixado em Mariana, pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo Metropolitano.

**DECRETUM LAUDIS** — Sete de Dezembro de 1954, concedido por S. Santidade o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, e baixada em Roma, por S. Eminência Valério, Cardeal Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos.



# CINQUENTA ANOS DE PRESENÇA NO BRASIL: 1904-1954

Frei Francisco Maria Hérail

da Ordem Terceira Regular de São Francisco

## Panorama religioso do Mato Grosso em 1904

Ao começar o século XX, o Estado do Mato Grosso, com uma extensão de aproximadamente três vezes e meia a França, formava uma única diocese, a de Cuiabá, que ia desde o Paraguai, ao Sul, até o Amazonas e o Pará, ao Norte.

O Sul ainda muito pouco desenvolvido, era também pouco povoado, o mesmo acontecendo com o norte onde apenas se falava na construção da Estrada de Ferro Madeira - Mamoré para contornar as famosas cachoeiras.

A população estava mais densa no centro, ao redor da Capital, Cuiabá. Ela era profundamente religiosa, porém com uma ignorância quase total por falta de sacerdotes. Nos últimos anos do século XIX os Lazaristas tinham vindo assumir a direção do Seminário Diocesano, começado pelo primeiro Bispo de Cuiabá, Dom José, e terminado pelo segundo, Dom Carlos Luiz D'Amour. Mas depois de poucos anos eles se retiraram ao verem os resultados nada confortadores, e finalmente Dom Carlos expulsou os estudantes — entre os quais três diaconos — resolvido a recomeçar sob novas bases.

## A VINDA DOS PADRES DA ORDEM TERCEIRA

Por circunstâncias providenciais os Superiores da Ordem Terceira Regular Francesa, expulsos de seus conventos pela perseguição religiosa que então grassava na França, procuravam um novo campo de ação; e o Bispo de Cuiabá procurava uma Ordem Religiosa para o seu Seminário. Dom Carlos, fazendo a sua visita "ad limina" e passando pela França, veio a saber do desejo da Ordem Terceira, e ficou combinada a ida de uma pri-



meira leva de missionários para Cuiabá. Eles embarcaram em Agosto de 1904 e depois de uma longa viagem de dois meses por Montevidéu, Buenos Aires e Assunção do Paraguai, chegaram a Cuiabá em fins de Setembro, sendo recebidos com grande solenidade em bonde enfeitado de branco e puxado a burro.

O seminário era uma espécie de colégio secundário frequentado pelos filhos da aristocracia, mas em nada se parecia com um seminário; tanto que, depois de conservá-lo como estava durante uns dois ou três anos, o Superior da Missão resolveu fechá-lo, pois parecia fazer concorrência ao Colégio Salesiano.

A primeira leva de missionários contava oito membros; em 1905 vieram outros sete; e em 1906 oito novos missionários aportavam a Cuiabá. Em 1905, os Missionários fundaram as residências de Poconé e Cáceres, sédes das duas maiores aglomerações a oeste de Cuiabá.

Começaram então a exercer o seu verdadeiro papel apostólico. De começo atendiam aos chamados de um ou outro festeiro nas igrejas e capelas existentes, todas elas velhas e em mau estado de conservação; mas o seu ministério consistia apenas em fazer batizados e alguns casamentos e a população continuava sem instrução religiosa. Então decidiram fazer as chamadas viagens de desobriga.

Percorriam o interior em longas viagens, que geralmente duravam meses, a lombo de cavalo ou burro, e paravam em lugares pouco distantes um de outro, para que todos pudessem aproveitar do seu ministério. Ensina-vam o catecismo, contentando-se dos pontos essenciais da doutrina; pois era apenas uma lição anual; administravam os sacramentos, até a Crisma muitas vezes, pois Dom Carlos já idoso não podia mais viajar; e pouco a pouco ganhavam a confiança dêsse povo simples e acolhedor, mas tão abandonado.

### A "CRUZ" E A "LIGA"

De começo, mesmo em Cuiabá, a prática religiosa era quasi nula, e não poucos moços, apenas saídos de escolas religiosas, apressavam-se em entrar na Maçonaria, sem o que era-lhes fechado o ingresso aos empregos públicos.

Frei Ambrósio fundou então o jornal "A Cruz" e a "Liga Católica", para reunir e dar coragem aos católicos e assim pouco a pouco o número dos católicos praticantes aumentou. A luta contra a maçonaria fez com que se



tornasse conhecida a sua ação nefasta; mas por várias vezes Frei Ambrósio escapou de ser sua vítima e até em 1915 êle teve que sustentar uma verdadeira guerra contra certas autoridades governantes; mas já sua popularidade era tal, que o povo em massa se pôs a seu lado, e o governo foi derrotado vergonhosamente, tornando-se Frei Ambrósio mais estimado do que nunca.

Em 1910 Dom Carlos foi nomeado Arcebispo, e foram constituídos os Bispados de Corumbá e Cáceres. Para a Diocese de Corumbá, foi nomeado o Coadjutor de Cuiabá, Dom Cirilo de Paula Freitas, que logo seguiu para lá; e para a de Cáceres foi eleito Dom Modesto Vieira; mas êste, ao saber que lá não havia nenhum patrimônio e nem uma casa de residência, nem tomou posse, sendo logo nomeado auxiliar de outra Diocese.

### A DIOCESE DE CÁCERES

Em 1915 Frei Luiz Maria Galibert, então Superior da Missão, era nomeado Bispo de Cáceres, sagrado a 15 de Agosto em Cuiabá, e tomava posse a 4 de Outubro. Durante 40 anos êle percorreu a sua Diocese, como o mais humilde de seus missionários. Sua Diocese ia então até o Estado de Amazonas, num comprimento de perto de 2.000 quilômetros, e por duas vezes empreendeu viagens de 6 e 8 meses a cavalo e de canôa, para o norte de sua diocese, sofrendo tremendas crises de paludismo, então inevitáveis na vertente amazônica.

A exemplo do seu bispo, os missionários da diocese aproveitavam cada ano a estação da seca para, de Maio a Outubro, fazerem as viagens de desobriga nas quatro imensas paróquias em que era dividida a diocese; e conseguiam que a grande maioria dos habitantes do interior recebessem os sacramentos anualmente. Aos poucos as famílias se constituíram regularmente, e o nível moral foi subindo cada vez mais. Paróquias de 12.000 habitantes dos quais 2.000 apenas na séde, — e que no começo tinham por ano apenas 3 a 4.000 comunhões anuais, estão agora com 25 a 30.000.

Em 1925, para concentrar seus esforços na Diocese entregue aos seus cuidados, a Ordem Terceira deixou a Arquidiocese de Cuiabá.

### A PRELAZIA DE GUAJARÁ — MIRIM

Em 1932 uma caravana composta do recém-nomeado Administrador Apostólico, Monsenhor Francisco Xavier Rey, de um sacerdote e de um irmão leigo, deixavam Cáceres em demanda de Guajará - Mirim, séde da nova Prelazia; e, para transpor a distância levavam 10 dias a cavalo e 12



dias de motor. Essa novel prelazia havia sido desmembrada pouco antes da Diocese de Cáceres.

A nova fundação foi alicerçada em terríveis crises de paludismo e tifo, que levaram os fundadores às portas da morte; mas depois tudo normalizou-se, sendo que as crises de paludismo — tributo mensal a pagar — tornaram-se mais suportáveis.

Na nova Prelazia tudo estava por fazer. Dom Rey começou por visitar todo o seu território, de canôa, pois só pelo Rio Guaporé e seus afluentes se podia viajar, a fim de conhecer de visu as necessidades mais prementes da Prelazia. Depois chamou as Irmãs do Calvário para formarem professoras e estabeleceu escolas em todos os lugares mais povoados. Feito isso, transformando-se em simples operário levantou igrejas e capelas, para conter o avanço dos protestantes.

Em 1945 Monsenhor Rey era elevado à dignidade episcopal, sendo eleito Bispo de Facusa.

Em 1952 Dom Rey internou-se no fundo do sertão, no alto Rio Branco, afluente do Rio Guaporé, um pouco acima do Forte do Príncipe de Beira, para iniciar a catequese dos selvícolas. Dois anos passou no meio deles conseguindo a sua confiança — coisa difficilima — e já tinha as maiores esperanças, tendo conseguido reunir para o Natal de 1953 quasi 500 indios de várias tribus; quando a gripe em dois meses quasi aniquilou as tribus dessa zona, obrigando-o a retroceder.

Em 1954 Dom Luiz Maria Galibert já alquebrado por 50 anos de trabalho apostólico, dos quais 40 como Bispo, pedia à Santa Sé o exonerasse do seu bispado, sendo nomeado Bispo de Platêa; e regressava à França, onde reside num Convento da Ordem.

Em 1955 um dos missionários da Prelazia de Guajará - Mirim, Monsenhor Maximo Biennés, foi nomeado Administrador da Diocese de Cáceres.

E assim pelos esforços dos Missionários da Ordem Terceira Regular de São Francisco, mantidos durante 50 anos a fio, o fundo do sertão recebeu o amparo religioso, talvez melhor de que muitos outros lugares de mais fácil acesso.

### EM SÃO PAULO

Enquanto no Mato Grosso os Missionários da Ordem Terceira Regular palmilhavam os caminhos do sertão, em 1932, um pequeno grupo de seus irmãos abria uma residência na colina então deserta do Sumaré, em São



Paulo, e ali levantava, em honra de Nossa Senhora de Fátima, a primeira igreja a Ela dedicada no Brasil e em tôda a América do Sul. Em 1935 lançaram os alicerces do magnífico Santuário que domina agora a cidade de São Paulo.

Seguiram depois as Obras Sociais reunidas sob o nome de "Centro Social Educativo Nossa Senhora de Fátima", com escola gratuita frequentada por 500 alunos, Dispensário com médico e dentista, lactário, curso noturno de alfabetização e curso de corte e costura; tudo gratuito.

Desde 1940 foi erigida a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima do Sumaré, com umas 15.000 almas; e agora com sete missas dominicais é uma das Paróquias de São Paulo cuja frequência aos domingos é das mais elevadas.

Tornou-se também o centro da devoção a Nossa Senhora de Fátima, sendo concorridíssimo o dia 13 de cada mês.





# AS CASAS DE FORMAÇÃO: JUVENATOS

P. Newton Pimenta, S. V. D.

## I

### FORMAÇÃO INTELECTUAL, MORAL, ESPIRITUAL

#### 1.º — FORMAÇÃO INTELECTUAL NOS PRE-JUVENATOS

Na Carta Apostólica, enviada pelo Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, ao Episcopado brasileiro, aos 23 de abril de 1947, lê-se o seguinte: "E se nas atuais circunstâncias não fôsse possível criar na Diocese o Seminário Menor completo, deveríamos pensar em começar ao menos com o Pré-seminário ou Seminário Preparatório". (A. A. S. vol. 39, pág. 287).

Assim o Santo Padre Pio XII escrevia ao Episcopado brasileiro. Várias Ordens e Congregações de Religiosos já haviam fundado Pré-Juvenatos e Juvenatos, antecipando o desejo do Papa.

Qual a vantagem de um Pré-Juvenato?

Enviei várias cartas a muitos Superiores Provinciais do Brasil, pedindo a gentileza de que se manifestassem sobre o assunto. A todos agradeço.

Eis alguns trechos:

1.º) "Estabelecemos um curso preparatório de dois anos, pelos seguintes motivos:

a) A maior parte dos nossos alunos vem do interior, onde receberam um ensino primário, às mais das vezes, muito insuficiente. E até das cidades, muitos não possuem certos conhecimentos necessários para um estudo profícuo do latim e outras línguas;

b) Assim recebemos meninos mais novos, de dez anos, por exemplo, que ficam preservados dos más companheiros". Até aqui a citação. Acrescentemos:

2.º) Para formação intelectual nestes cursos preparatórios, corres-



ponderia o que se pede para o 4.º ano primário e o admissão, colocando a maior força sobre o Português e Aritmética, em noções ao alcance daquelas inteligências. Ensino prático, vivo, atraente.

3.º) Os Pré-Juvenatos são instalados em casa própria, porque a convivência com alunos recém-vindos de seus lares, traz certas inconveniências para os Juvenatos, por exemplo: dificuldades de adaptação ao novo ambiente.

4.º) Diminui o índice de egressos dos Juvenatos.

## 2.º — FORMAÇÃO INTELECTUAL NOS JUVENATOS

O Santo Padre Pio XII, na exortação "Menti Nostrae" (Editôra Vozes, Petrópolis, 1950, pág. 34), diz: "Outro grave cuidado dos Superiores é a formação intelectual dos alunos".

Ainda que se refira à formação nos Seminários, nada impede aplicar o trecho aos Juvenatos. Se a base não fôr sólida, é bem provável que não se construa o edifício intelectual como se deveria. Estamos vendo cada dia, com grande sentimento, como os alunos encontram dificuldades nos cursos superiores.

Em várias Congregações, observa-se o seguinte: 1.º — a) "Temos um curso de humanidades de seis anos, dando preferência ao estudo de línguas clássicas, latim e grego, e da língua pátria, devido às exigências da cultura moderna; atualmente se dá um pouco mais de atenção ao estudo das ciências exatas: física, química, história natural". Outra opinião:

b) "É fricante a falta de material pedagógico, imprescindível em certos Juvenatos: ausência de biblioteca atraente, de brinquedos apropriados, de material para o ensino de línguas, arte e música". Mais uma opinião:

c) "Para acostumar os jovens a pensar, refletir, analisar e depois sintetizar, ajudará muito o que se chama formação clássica, que tem o condão de dar certo equilíbrio às faculdades e preparar os ânimos para estudos sérios, como filosofia, apologética, teologia".

2.º) Vejamos outros pontos: Falta de recursos financeiros, porque em geral os alunos são de famílias remediadas e não podem pagar a pensão toda. Quem dera que aumentasse o interesse de todos pelas bolsas em prol das Vocações Sacerdotais! Maiores recursos, maiores melhoramentos.

3.º) A grande falta de professores sacerdotes com que se luta muitas vezes nas Congregações. Colocar pessoas estranhas, nem sempre dá o resultado esperado, seja quanto ao ensino, seja quanto à formação religiosa.

4.º) Grave responsabilidade cabe também aos Superiores, quando não selecionam para os Juvenatos os melhores elementos, quanto à peda-



gogia, à cultura, ao interesse, ao espírito de sacrifício e à virtude. E onde pode haver aproveitamento da parte do aluno quando o próprio professor não se esforça para tornar atraente, variada e proveitosa sua própria aula!

5.º) Quase todas as Ordens e Congregações foram fundadas em outros países. De modo que se fala outro idioma, pelo menos, entre os membros mais velhos. Não resta dúvida que seria de bom alvitre ensinar o idioma mais falado na Congregação, porque facilitaria muito o estudo dos antigos costumes, o estudo das regras e o uso das bibliotecas. Vale também o provérbio: "Mais uma língua, mais uma vida".

Que a dificuldade em não falar corretamente o outro idioma seja um empecilho para o jovem na sua vocação, porque a experiência bem o ensina que a idade, o interesse, uma visita à Casa - Mãe, tudo isso com boa vontade e compreensão resolverá o problema.

6.º) Cuide-se que a construção dos Juvenatos esteja de acordo com as exigências modernas: salas amplas, arejadas, ensolaradas, alegres. Como o ambiente pode ajudar tudo! Os nossos Juvenatos não podem ser inferiores aos Ginásios, nem na construção.

7.º) Não se deve esquecer da parte importante da alimentação, porque os sub-nutridos lutam com maior dificuldade nos estudos e se predis põem à futuras doenças. Será muito melhor alimentos sadios à mesa do que custosos remédios em vidros! A parte financeira, quanto à alimentação e à saúde, ficará facilitada construindo-se, sem grande esforço, hortas, pomares, jardins, ao redor do Juvenato, embelezando o ambiente, educando os alunos para o cultivo das plantas, reunindo, assim, o útil ao agradável. Com saúde, alegria, boa vontade, paz de espírito, muito se fará para a glória de Deus, da Igreja e das Congregações.

8.º) Julgo, salvo melhor juízo, o seguinte sistema mais de acordo com as exigências modernas:

a) Deve-se cuidar bem do idioma latino e da cultura clássica. Caso o Juvenato seja oficializado, podem aproveitar-se os horários vagos para alcançar este desiderato;

b) Não se deve deixar de lado o observar as exigências modernas, quanto ao estudo das ciências naturais, dado o ambiente em que mais tarde trabalharão os futuros sacerdotes;

c) Torno a repetir: é preciso dar valor e insistir no estudo da língua-mãe de cada Congregação, conforme ficou dito acima. Cuide-se, também, do ensino de línguas internacionais.

Terminemos esta parte com a palavra sábia de Pio XII, na exorta-



ção: "Menti Nostrae" — "Desejamos aqui, antes de tudo, recomendar que a cultura literária e científica dos futuros sacerdotes seja pelo menos não inferior à dos leigos que frequentam análogos cursos de estudo". E, mais adiante: "O jovem que tornar ao mundo não poderá deixar de recordar-se dos benefícios recebidos no Seminário e, com a sua atividade, poderá prestar notável contribuição de bens às obras do laicato católico".

### 3.º — FORMAÇÃO MORAL NOS JUVENATOS

Iniciemos com a palavra do Santo Padre Pio XII, na exortação "Menti Nostrae": "Empregue-se, por outro lado, tódá a diligência e solícitude, a fim de que os Seminaristas apreciem, amem e guardem a castidade, porque a escolha do estado sacerdotal e a perseverança nele dependem em grande parte dessa virtude. Estando ela, na sociedade, exposta a maiores perigos, deve ser sólidamente possuída e longamente provada". E, mais adiante diz: "Sejam instruídos acêrca dos perigos que se lhes podem deparar. Sejam advertidos a dêles premunir-se desde tenra idade, recorrendo fielmente aos meios que lhes oferece a ascética cristã para refrear as paixões; porque quanto mais firme e eficaz fôr o domínio sôbre elas, tanto mais poderá a alma progredir nas outras virtudes".

O cuidado na formação moral deve começar, portanto, desde o

#### I) PRE' - JUVENATO

1.º) Dadas as condições do nosso clima tropical, a mesclagem de várias raças, o sangue latino, ardoroso e sentimental, é desde criança que o problema já preocupa. Mesmo que os meninos tenham frequentado só os Grupos Escolares, o que não terão aprendido com seus colegas, muitos dos quais não possuíram em casa aquêles pais que dêles cuidassem! E as figuras de jornais e revistas? E os cartazes de cinemas? E as novelas de rádio e da televisão? E as familiaridades em casa, nas ruas e nas praias? E as modas inconvenientes? Quando vieram de cidades maiores, torna-se mais difícil ainda o vencer a tentação. Eis aí a grande vantagem dos Pré-Juvenatos na preservação dos meninos.

Mas será necessário que sejam educados não como plantas de estufa, fechados dentro de quatro paredes, mas que, no desejo do Santo Padre Pio XII, "sejam advertidos a se premunirem dos perigos desde tenra idade".

2.º) Papel importante e decisivo cabe ao Diretor Espiritual, Confessor, Prefeito, Diretor, enfim, a todos os que ali trabalham. Que todos eles



saibam compreender as lutas por que passam os pequenos e saibam guiá-los em momentos difíceis. Felizmente, já possuímos livros sobre o assunto que podem orientar muito bem. Citemos pelo menos o "Como educar a Juventude" — Coimbra, editado em 1953 — do Mons. Tihamer Toth, autoridade reconhecida e admirada no mundo inteiro.

Tratemos agora da formação moral no

## II) J U V E N A T O

Logo de início, para um feliz resultado, digamos que deve haver uma separação tanto quanto possível entre várias idades.

Quanto aos mais crescidos, surge o problema de transição de idade, que se precessa muito mais cedo no Brasil e com mais veemência do que em outros países, pelos vários motivos acima citados.

1.º) Opiniões de outros: Quase todos insistiram no valor do Padre Espiritual. Assim, por exemplo: "É necessário que sempre esteja presente, um Padre Espiritual, a quem os alunos sempre possam recorrer em suas dificuldades e conflitos de ordem moral ou religiosa".

Sobre o valor e as qualidades do Padre Espiritual existe um excelente trabalho do Padre José Maria González, S. J. apresentado ao IV Congresso Inter-Americano de Educação Católica do Rio de Janeiro — "La espiritualidad en los Colegios".

Outra opinião: "Sejam observadas as determinações pontifícias a propósito baixadas, mormente pelos últimos Pontífices, bem como pelos importantes depoimentos colhidos pelo Episcopado de vários países".

2.º) Recordemos o que diz o Papa Pio XII, na exortação "Menti Nostrae": "Se os jovens — especialmente os que entraram no Seminário em tenra idade — são formados num ambiente demasiado afastado do mundo, ao saírem do Seminário poderão encontrar sérias dificuldades nas relações tanto com o povo miúdo, quanto com o laicato culto, e poderá ocorrer que assumam uma atitude errada e falsa em relação aos fiéis ou que considerem desfavoravelmente formação recebida" (Editôra Vozes, pág. 33).

Desde esta palavra do Santo Padre, alargaram-se em bom sentido os horizontes de muitos que cultivavam plantas de estufa, como se elas fôsem destinadas aos museus e não ao contacto vivo e diuturno com os homens e o mundo. Quanta importância se deve dar à colocação do Juvenato e ao espírito nêle reinante. É verdade que os meios modernos de locomoção e de comunicação encurtaram as distâncias e invadiram os recintos fechados.

3.º) Eis o cinema, o rádio e a televisão. Infelizmente, em nosso País,



é ponto difícil querer encontrar muitos filmes bons, músicas e programas sadios nas estações de rádio. A vigilância e o cuidado dos Superiores dos Juvenatos devem ser grandes neste ponto. Mas, porque não usar destes meios modernos, orientando os jovens para a vida futura, quanto ao seu emprego? Quando mais tarde forem sacerdotes, seja como Vigários ou Educadores, não terão que orientar a muitos?

4.º) Educação física e esportiva. Não que estes dois fatores constituíssem o centro da vida, mas podem concorrer para a vitória nas lutas. Existe um belo trabalho de Mons. Tihamer Toth, publicado no livro "Anunciad el Evangelio" — (S. E. Atenas S. A., Madrid, pág. 75), — transcrevendo um discurso do insigne e saudoso Bispo húngaro no I Congresso Nacional de Professores de Teologia e Superiores de Seminários, em que o notável educador católico faz a apologia do esporte e da ginástica, administrados convenientemente. Cita o exemplo do Santo Padre Pio XI, o primeiro a escalar, do lado da Itália, o Monte Rosa, a 4.673 metros de altitude; e de Santo Inácio de Loyola, prescrevendo em suas "Regras" exercícios corporais durante um quarto de hora.

Quem não se admira do exemplo do Santo Padre Pio XII, recebendo, conversando e animando os que se dedicam a uma vida de esportes sadios! Trabalhem para que nossos juvenistas possam praticar, com medida e moderação, a ginástica e o esporte, tornando-se fortes de corpo e resistentes para as lutas, em prol da boa formação moral!

5.º) Convém que os Educadores dos Juvenistas leiam a Encíclica de Pio XI "Da Educação Cristã da Juventude" e a rádio-mensagem do Santo Padre Pio XII, de 23 de março de 1952, sobre "A Educação Cristã da Consciência dos Jovens".

6.º) Aproveitemos a própria convivência para formação do caráter dos juvenistas. Meios adequados: a) Estímulo entre os alunos; b) Caridade fraterna, desviando as "amizades particulares" e ensinando-os a vencer as antipatias; c) Domínio das falhas de temperamentos em geral.

7.º) Realçar a importância das visitas confidenciais ao Diretor, Prefeito ou Educadores encarregados deste mistér.

8.º) É indispensável tratar da formação para a castidade, conforme as normas ditadas pelos Pontífices Pio XI e Pio XII.

9.º) Se porventura aparecerem casos perigosos e desastrosos entre os juvenistas, quanto antes sejam eliminados, e muito mais cedo do que mais tarde, evitando-se maiores consequências desagradáveis para todo o Juvenato. Lembrem-se todos das insistentes recomendações da Santa Sé



sobre este assunto e das decisões dos vários Capítulos das Ordens e Congregações. E se vale para os clérigos, suponho, poderá valer para os juvenistas a palavra de Pio XII: "Quando, portanto, os jovens clérigos mostrarem a este respeito tendências malsãs, e após a devida correção se mostrarem incorrigíveis, é absolutamente necessário eliminá-los do Seminário". (*Menti Nostrae* — Editôra Vozes, pág. 38).

Terminemos com a palavra de Pio XII, na mesma exortação "*Menti Nostrae*": "Estas e tôdas as demais virtudes do Sacerdote podem ser facilmente adquiridas e tenazmente possuídas pelos Seminaristas, se, desde os primeiros anos, houverem êles aprendido e cultivado uma sincera e delicada devoção a Jesus presente "verdadeira, real e substancialmente" entre nós no Sacramento do Seu Amor e fizerem de Deus Sacramentado a causa e o fim de tôdas as suas ações, de suas aspirações e sacrifícios. E se à devoção a Jesus Sacramentado unirem uma filial devoção a Maria, devoção que seja cheia de confiança e de abandono n'Ela, e que excite a alma à imitação das suas virtudes, então a Igreja se regozijará, porque não poderá mais taltar o fruto de um ministério ardente e zeloso num Sacerdote cuja adolescência foi alimentada pelo amor a Jesus e a Maria". (L. c., Ed. Vozes, pág. 39).

#### 4.º) — FORMAÇÃO ESPIRITUAL NOS JUVENATOS

Ainda que os Pré - Juvenistas ou Juvenistas sejam vocações em embrião — botões em flôr — espera-se que, com a fidelidade à graça de Deus, se tornem um dia, muitos dêles, Ministros do Altíssimo.

1.º) E' necessário que sejam formados, pouco a pouco, na vida espiritual, de acôrdo com os costumes da Ordem ou da Congregação a que esperam pertencer em um futuro remoto.

2.º) Afaste-se tudo aquilo que transpire meiguice ou sentimentalismo, tão frequente em nosso sangue tropical e latino, herdado junto das antigas amas ou da velha "Mãe Preta".

3.º) Para quem deseja um dia ser Sacerdote — "*Alter Christus*" — não basta um verniz de espiritualidade, porque êle se há de desfazer nas primeiras provações. Cumpre observar o que diz o Santo Papa Pio XII na exortação "*Menti Nostrae*": "Há facilmente perigo de que aos exercícios externos de piedade não corresponda um movimento interior da alma". (Ed. Vozes, — pág. 36). Para que haja "um movimento interior da alma", seja lembrado, muitas vêzes, a inhabitação do Espírito Santo na alma, em estado de graça. Muito ajudará a repetição constante e fervorosa do "Vinde, Espírito Santo".



4.º) Papel importante cabe ao Padre Espiritual, ao Diretor, ao Confessor, na formação espiritual dos Juvenistas. Diz o provérbio: "Ninguém dá o que não tem". Como poderá haver sólida formação espiritual, quando o exemplo que vem de cima deixa a desejar? Embora com ingentes sacrifícios, é preciso que haja muita seleção na escolha de sacerdotes para os Juvenatos.

5.º) Seja organizada entre os menores a Cruzada Eucarística e, entre os maiores, a Ação Católica e a Congregação Mariana. Eis um trecho da carta de Pio XI aos Bispos do Brasil, em 27-10-1935: "Suavemente e antes de tudo, despertar nos adolescentes o espírito de apostolado; depois diligente e assiduamente, exortá-los a que se inscrevam nas Associações de Ação Católica que, onde esta não existir, hão de os Religiosos promover". (Col. Doc. Pontifícios n.º 42 — Ed. Vozes — 1947).

Transcrevemos, também, as palavras que o Santo Padre Pio XII dirigiu ao Revmo. Pe. Luiz Paulussen, S. J., Diretor do Secretariado Geral das Congregações Marianas: "Igualmente é para Nós motivo de consolação e alegria saber que hoje também florescem as Congregações de Sacerdotes e de candidatos ao Sacerdócio, as quais, como testemunham documentos de muitos séculos, trabalharam com grande utilidade para a Igreja. Assim, pois, veementemente as recomendamos, uma vez que são grandemente úteis para formar ótimos Sacerdotes e para preparar e instruir oportunamente os futuros Diretores das próprias Congregações" (Catolicismo — Campos, Estado do Rio — n.º 33, de Setembro de 1953).

6.º) Procure-se que os Juvenistas vivam a vida Sacramental com profunda convicção. Leve-os à comunhão frequente e fervorosa, pois, disse alguém: "Semear hóstias é colher Sacerdotes". Que as visitas ao Santíssimo sejam espontâneas. Na piedade e na oração diante do Sacrário, é que se encontra força para perseverar fielmente e um esteio para vontade firme de caráter.

7.º) Não seja omitida a "Boa Noite", que São João Bosco soube fazer com excelente resultado e que tantos educadores imitam. Por exemplo: Preparando a missa para o dia seguinte, maior será a atenção e o fruto que hão de auferir das cerimônias religiosas. Viva-se com verdadeira piedade a Liturgia da Santa Igreja. Aplique-se o que se diz nas Encíclicas "Mediator Dei" (Editôra Vozes — Doctos. Pontifícios n.º 54) e "Mystici Corporis Christi" (Editôra Vozes — Doc. Pontifícios n.º 24).

8.º) "É necessário que os jovens adquiram o espírito de obediência, habituando-se a submeter sinceramente sua vontade à de Deus, manifestada através da legítima autoridade dos Superiores", diz o Santo Padre Pio XII,



em "Menti Nostrae". Cultive-se, portanto, a obediência, o respeito à autoridade, mas sem bajulação e segundas intenções.

E não se descuide, o que acontece tantas vezes, com grande pesar, de ensinar e praticar as regras de civilidade e urbanidade, ainda mais na época atual, eivada de uma errônea liberdade e de falsa democracia.

9.º) Procure despertar nos Juvenistas o amor pelas causas da Igreja, sobressaindo o ardor missionário pela salvação das almas, tanto que, em carta datada de 1932, o Cardeal Bisleti, Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários, dizia o seguinte: "É necessário, hoje mais do que nunca, que os alunos do Santuário aprendam a conhecer e amar as Missões Católicas, para depois poderem torná-las conhecidas e amadas dos fiéis que num futuro pouco distante virão a ser confiados aos seus cuidados pastorais". ("O Clero e as Missões" — Atas do I Congresso Nacional da U. M. C. Fátima, Portugal, 9 — 13-8-1948 — Pág. 239).

Assim seja comemorado o mês de outubro e o domingo das Missões.

10.º) Procurem avivar nos corações dos Juvenistas um amor sincero e máximo respeito para com o Santo Padre, o Chefe da Igreja, celebrando com grande pompa e entusiasmo o "Dia do Papa", lendo e comentando as alocuções e mensagens de Sua Santidade. Desta maneira, cumprir-se-á um dos pedidos da Circular que o Eminentíssimo Cardial Pizzardo, DD. Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários, enviou ao Episcopado do Brasil, aos 7 de março de 1950, cujo final dizia que se devia ter "um entranhado amor ao Vigário de Cristo, o Papa reinante, auxiliando-o com a oração, tomando parte às suas alegrias e às suas dores e seguindo com fervorosa fidelidade as suas diretivas". (R. E. B. vol. 10, fasc. 2, junho de 1950, pág. 477).

Uma observação: Nos Juvenatos nota-se grande dificuldade em fazer com que os alunos compreendam o valor da vida sobrenatural, devido ao espírito superficial da época. Por exemplo: São conhecidos os nomes, a vida, de muitos jogadores de futebol, artistas de cinema e de rádio melhor do que os grandes heróis e heroínas da Igreja e da Pátria.

Um conselho. O caminho para facilitar o acesso à vida sobrenatural bem vivida, seria propor aos juvenistas a piedade numa forma determinada, palpável, compreensível, concreta. Por exemplo: a) Devoção ao Espírito Santo; b) Vida Eucarística; c) Piedade Mariana — "Tudo por Maria"; d) A Vida da Graça; e) Piedade Litúrgica.

Enfim, cada um poderá praticar a piedade do modo que mais lhe aprouver, sempre dentro da espiritualidade da própria Ordem ou Congregação.



Com os olhares voltados para Jesus, o Sumo Sacerdote, para Maria Santíssima, Rainha dos Sacerdotes, e para os Patronos das Ordens e Congregações, os juvenistas hão de levar uma vida de verdadeira formação espiritual, base de toda vida presente e futura, rochedo inexpugnável que os protegerá contra as maldades do mundo. Mais tarde, ou Sacerdotes do Altíssimo, ou membros ativos do laicato católico, serão para todos o "sal da terra e a luz do mundo".

## II

### CONVENIÊNCIA DO RECONHECIMENTO OFICIAL, SOBRETUDO PARA AS CONGREGAÇÕES DOCENTES

Há vários anos que alguns já adotavam o reconhecimento oficial, dentre muitos conhecemos os seguintes: Salesianos de Lavrinhas, Estado de São Paulo, desde 1932; os Jesuítas, na Escola Apostólica de Friburgo, desde 1942; os Padres do Verbo Divino, em seu Instituto Missionário S. Miguel, em Antônio Carlos, Estado de Minas Gerais, desde 1952; os Maristas oficializaram: em 1932, a Província Central e em 1934, a Província do Norte; o "Colégio Santo Inácio" dos Padres Jesuitas, na Estação São Salvador, Estado do Rio Grande do Sul, desde 1946; e o "Ginásio Divino Salvador" dos Padres Salvatorianos, em Jundiaí, Estado de São Paulo, desde 1953.

Trabalhemos com a prata da casa, como diz o provérbio; citando alguns dos motivos que levaram a Congregação do Verbo Divino à oficialização de seu Juvenato:

1.º) Facultar, ou melhor, facilitar a entrada no Seminário também a alunos de camadas sociais mais elevadas (que fazem questão de um estudo oficializado) e, aos outros, pelo maior prestígio que goza o estudo oficializado.

2.º) Proporcionar aos nossos alunos um currículo de formação intelectual que se assemelhe o mais possível ao adotado oficialmente, para evitar qualquer complexo de inferioridade e qualquer cisão entre a formação S. V. Dista no Brasil e a dos demais intelectuais do País.

3.º) Facilitar aos que saírem (a maior parte dos juvenistas!) a continuação dos estudos em outro colégio de caráter oficial sem perda de tempo ou estudos e exames suplementares, ou, em geral, a possibilidade de encontrar meios e caminhos na vida prática, sem que sejam levados a considerar "tempo perdido" os anos passados no Seminário.

4.º) Conseguir que os ex-Juvenistas continuem amigos do Seminário,



devido ao estudo "reconhecido" ali recebido, facilitando-lhes a vitória na vida prática.

5.º) Obter padres habilitados para o ingresso nas universidades e conseguir assim os diplomas necessários para o magistério.

Com o Decreto n.º 34.330, de 21-10-1953, que regulamenta a Lei n.º 1.821, de 12-3-1953, fica estabelecida a equivalência incompleta entre diferentes cursos de grau médio e os cursos de Seminário, podendo aqueles que não são partidários da oficialização, aproveitar dêste grande benefício prestado aos que muito bem o mereciam. E demos graças a Deus, por mais esta vitória daqueles que trabalharam para conseguí-la, destacando-se, conforme informações de pessoas fidedígnas, a valorosa Associação do Ex-Seminarista Brasileiro. E assim passamos ao

### III

#### CUIDADO COM OS EGRESSOS

Quem leu o excelente artigo publicado na R. E. B., volume 13, fasc. 1, Março de 1953, à pág. 105, da autoria do Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F., sabe e reconhece que será difícil escrever melhor sôbre o assunto. Merece um entusiástico aplauso o Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F., pelo bem enorme que fez a todos com o apreciado artigo: "O problema dos ex-Seminaristas".

1.º) Quase todos os que responderam ao meu pedido, frisaram muito bem e com muita razão o dever de caridade para com os egressos.

2.º) Aconselham muitos a fundação da Associação de Ex-Seminaristas. Alguns, para todo o País; outros, em cada Congregação para os seus egressos. Algumas Congregações já possuem, com resultado alentador, a sua "Associação de Ex-Seminaristas", reunindo-os uma vez ou mais por ano, mais ou menos, no molde da "Associação de Ex-Alunos", existente em vários Colégios, com excelentes resultados.

3.º) Acham, porém, que nestas reuniões não deve haver contacto entre Juvenistas, Seminaristas com os egressos, com receio de que tragam "novidades" lá do mundo, contem algumas proezas, comentem fatos, às vezes, desagradáveis do tempo de Seminário, e, assim, lancem a semente do abeto no meio da rocha, e, ao crescer aquela, a muralha há de ruir e adeus tudo!

Talvez possa ajudar a muitos transcrevendo um resumo do que faz, na Alemanha, o Pe. Francisco Lillig, S. V. D., Assistente Provincial e Mestre de Novícios dos Clérigos, residindo na Casa de Santo Agostinho, da Congregação do Verbo Divino. O Padre Lillig é o fundador e dirigente da



“Freundeskreise”, que se poderia talvez traduzir por “Círculo de Amigos”. Eis alguns dados:

1.º) Pe. Lillig tem contacto com 800 ex-Seminaristas. Atribui maior importância às visitas pessoais e encontros fortuitos.

2.º) Decisivo é que os Padres da Congregação mantenham relações pessoais com os ex-Seminaristas. Cabe, em primeiro lugar, o maior interesse à Congregação e depois aos ex-Seminaristas. Exige-se, portanto, sacrifício de tempo.

3.º) Reunião dos ex-Seminaristas. Foram convidadas também as senhoras, que se mostraram muito bem impressionadas. Programa: a) Missa cantada; b) Reunião festiva. Falou primeiro o Padre Reitor, durante 20 minutos, sobre a catástrofe na China. Em segundo lugar, um ex-Seminarista sobre os efeitos de nossos ideais na vida da Família. Seguiu-se o almoço; c) Em seguida, discussão: tratando-se de um ponto vital. Deve-se dar certa elasticidade à Organização Central. Nas cidades, pequenos grupos devem ser orientados por um “Senior”, dependendo d’ele quase todo o êxito. Dessejou-se um boletim de comunicações, informando sobre os antigos Padres e sobre a vida social dos ex-Seminaristas.

4.º) Infelizmente muitos confrades continuam indiferentes para com o movimento e os ex-Seminaristas.

5.º) O Padre Lillig está muito a favor. Razão: educar para a vida no espírito da S. V. D. e não só para o convento. Por isso, nenhuma palavra áspera para com os que deixam a S. V. D. e assim ninguém há de considerar-se expulso ou perdido.

6.º) Facilitar os meios de vida para os que saíram, a fim de que se integrem na vida prática.

7.º) Alguns confrades são de opinião que o cuidado para com os ex-Seminaristas facilita a saída do Seminário. Mas não é assim. Manter relações pessoais com ex-Seminaristas não quer dizer justificar erros cometidos por eles.

8.º) A caridade cristã exige que se perdoe aos que erram e que se deve ajudar ao próximo. E a verdade é que muitos ex-Seminaristas mostram conduta exemplar na vida e constituíram uma família modelar. Todos são amigos da S. V. D., defendem sua causa e da Religião. Propagam as nossas revistas com grande interesse.

9.º) Padre Lillig, em um pequeno artigo, pediu auxílio para alunos pobres. Resultado: recebeu, dentro de pouco tempo, 4.000 D. M.



10.º) Com tôda humildade, devemos confessar que fraquezas humanas dos Professôres e Educadores nem sempre deixaram de influenciar sôbre os Seminaristas egressos. Assim, temos também grande responsabilidade pelo bom êxito dêles no caminho da vida terrestre. Eis a citação da carta do Revmo. Pe. Lillig, S. V. D.

Aqui, no Brasil, depois de algumas tentativas locais, foi fundada em 1948, para todo o território nacional, a Associação do Ex-Seminarista Brasileiro, com os estatutos registrados e reconhecida como de utilidade pública.





## CARTA A UMA SUPERIORA

### VIII

Rvma. Madre:

Desculpe o laconismo dos meus cartões. Costumo escrever pouco para ser lido. Serei breve também neste cartão em que continuarei a repisar a necessidade que tem a Superiora de ser solícita, para ser maternal. Tôdas as vêzes que as suas Religiosas dirigirem a V. Rvma. a palavra "Madre", repita interiormente para si mesma: eu devo ser realmente Mãe e por isso quero viver sempre solícita pelo bem espiritual e material das minhas filhas.

Comece então a ser solícita pela saúde e bem estar de suas Religiosas. Esse pobre corpo é, apesar de tudo, uma catedral da alma e a alma, catedral da SSma. Trindade. V, Rvma. tem muito boa saúde, mas, não acontece o mesmo com tôdas as suas filhas. V. Rvma. está acostumada a muito trabalho, pouco sono e má alimentação. Mas, as suas filhas talvez não possam suportar êsse rigor.

Primeiramente, sem deixar as suas mortificações, que são absolutamente necessárias, mais ainda agora que é Superiora, procure não trabalhar demais, porque Deus não quer. Alimente-se bem e durma o tempo necessário, porque Deus assim o quer. Depois procure que às suas filhas não falte nem boa e farta alimentação, nem descanso nem cuidados médicos, nem remédios. Um velho Superior excitava a nossa hilaridade noutros tempos quando dizia serem necessários três requisitos para ser bom Superior: muita fome, muito sono, e muita doença. Não peça nenhuma dessas três coisas a Nosso Senhor, mas, lembre-se com solicitude maternal das suas filhas que sofrem por qualquer motivo. Procure adivinhar-lhes as doenças, conceda-lhes com facilidade que possam ir repousar mais cedo e se fôr necessário que levantem mais tarde. Mas neste caso, tenha muito cuidado para que não deixem ou diminuam a oração.

As mulheres, geralmente, alimentam-se mal, às pressas e preocupadas com outras coisas; as Religiosas pior ainda. Procure que as suas filhas se corrijam dêsse defeito... Cuide da saúde de tôdas, procurando antes de tudo que não a percam imprudentemente nos estudos, trabalhos, penitências, etc.

E, por hoje, só.

Servo em Xto.

Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F



# A RENOVAÇÃO DA CATEQUESE

Para aperfeiçoar o seu ensino religioso:  
CATEQUESE — Pe. Jungmann, S. J. (1)

Muitos conhecem o P. Jungmann como um teólogo, como um liturgista por causa dos livros: *Missarum Solemnia* (Editions Aubier coll, Théologie, 1954) que é uma obra de primeira ordem sobre a Missa, ou: *La grande prière eucharistique* (Editions du Cerf, 1955) resumido sobre os temas centrais, caracterizados pelas orações do Canon: “memores, offerimus, plebs sancta, socia exsultatione”.

A publicação do livro: “Catequèse”, traduzido do alemão, nos revela no P. Jungmann não somente o teólogo, mas o mestre na catequese. Já, em 1936, publicava na Alemanha: *Die Frohlschaft und unsere Glaubensverkündigung* — A Boa Nova e sua proclamação — que criticava a maneira de apresentar esta Boa Nova, quer na pregação, quer no catecismo, como uma soma de deveres a cumprir para a salvação da alma. Mostrava o P. Jungmann que esta apresentação era falsa porque incompleta, muito distante da primeira pregação cristã e talvez, causa do fracasso de nosso ensino. Aconselhava ainda retornar às fontes do cristianismo, não para atenuar as exigências doutrinárias e morais, mas para encontrar no Evangelho e em São Paulo, a mensagem do próprio Jesus Cristo com todo seu dinamismo, toda sua afetividade, toda sua verdade que entusiasma. Este livro teve uma repercussão enorme e, não obstante a guerra, não deixaram os catequistas de refletir sobre os problemas do conteúdo do ensino religioso assinalado assim pelo Revmo. Padre. Hoje, o P. Jungmann retoma a questão. Os trabalhos suscitados pelo Movimento de Munich tinham mostrado que havia no ensino da

---

(1) J. A. JUNGSMANN, S. J. — Catequèse, Objectif et méthodes de l'enseignement religieux. Editions Lumen Vitae. Bruxelles. Ou Conferência dos Religiosos do Brasil. Departamento de Catecismo.



religião um problema metodológico em relação às descobertas da psicologia da criança e aos progressos da pedagogia. Ainda mais importante, porém, que esta adaptação da apresentação, absolutamente necessária aliás, é o problema da doutrina mesma: é o problema que estuda o P. Jungmann em "Catequese", sem deixar entretanto os outros.

E' interessante notar que foi também este problema estudado e apresentado pela Conferência dos Religiosos do Brasil, em 1.º plano, na sua Exposição Catequética do XXXVI C. E. I. como demonstra o artigo da Revista Catequética de dezembro de 1955.

## PROBLEMA DO CONTEUDO DO MANUAL DE RELIGIÃO

Estabelece então o P. Jungmann que o manual de catecismo não deve ser um tratado de teologia, mesmo simplificado, resumido; que o ensino de catecismo não deve ser um ensino teórico, mas uma educação total e para a vida. Conhecemos já estas conclusões. Autores nossos também já conseguiram convencer a seus leitores e alunos que é precisamente isso que é necessário fazer: formar para a vida. O P. Colomb, de Lyon, França, não diz também outra coisa. O encontro dos especialistas no domínio catequético, fará talvez com que os atrasados vejam, se ainda os há, a necessidade de reconsiderar o seu método de ensino, de não se limitar ao "de cór" e de dar-lhe um lugar reduzido. "A doutrina cristã não é um fim em si, deve conduzir a Deus... Assim o objeto de nossa catequese será não apenas dogma ou conhecimento, mas uma atitude religiosa ou moral (pág. 55) e moral porque religiosa. "O Cristianismo deve ser anunciado como a Boa Nova" (pág. 58)... "Pouco ensino litúrgico, muita liturgia"... (pág. 63). O Pe. Jungmann insiste sobre tal visão; não se pode ensinar o catecismo seguindo uma ordem teológica de perguntas e respostas. Será necessário então deixar de lado inteiramente a memorização? Certamente não. A memorização reduzida será sempre exigida, mas preparada por uma exposição da matéria que dará um lugar importante à História Sagrada, à História da Igreja e à Vida dos Santos.

Quanto à ordem, não se trata somente de deixar uma ordem lógica que não corresponde à psicologia da criança, mas introduzir uma outra: uma ordem vivificante, reconsiderando, se possível, o conteúdo da matéria, a fim de ressaltar o aspecto de proclamação de mistérios que é a Boa Nova. São Paulo já dizia: "Somos dispensadores dos mistérios de Cristo" (I Cor. IV, 1). Fala o P. Jungmann: "E' necessário ir até às consequências, ousar igual-



mente uma reforma kerigmática da matéria" (pág. 87)" orientando desde o início a criança sobre as maravilhas do mundo divino" (pág. 90), apresentando desde as primeiras páginas a felicidade para a qual Deus chama todos os homens (a parábola do banquete das núpcias) e, ao mesmo tempo, as exigências necessárias à participação da mesma.

Qual será a ordem da apresentação? Será em torno do centro da vida cristã, daquela pessoa divina, para quem tudo foi feito e que é o centro mesmo da História do mundo: Nosso Senhor Jesus Cristo (pág. 91). D'Ele vem a Igreja que o continua (pág. 94) e a moral não é outra coisa senão a resposta do homem ao amor de Deus, uma moral que não se contente com a observação jurídica, formalista, mas que é ligada às Bem-aventuranças, ao Sermão da Montanha (pág. 97), e que dá a primazia à caridade e à religião em verdade.

Êstes "desiderata" do P. Jungmann foram realizados êste ano de 1955 no novo catecismo nacional alemão, no qual colaborou de maneira importante. Pensamos ser êste, o primeiro catecismo nacional que não segue a ordem teológica.

## PROBLEMAS DE MÉTODOS

Depois dêste problema do conteúdo do manual de catecismo, o P. Jungmann aborda outros problemas de método, questões mais conhecidas, que são, não obstante, objeto de muitas discussões.

Nêste ponto, um pouco de história da catequese moderna é necessária. Costumava-se antigamente (e talvez ainda em nossos dias) explicar só o texto das arguições. O catequista tomava uma questão, explicava tôdas as palavras, com exemplos algumas vêzes; em seguida, fazia com que os alunos o memorizassem. Método muito frio, não assimilável para crianças. Seriam talvez capazes de recitar de cor todo o catecismo, mas êste conhecimento permanecia distante de sua vida sem qualquer repercussão no seu comportamento.

No fim do último século houve certa evolução com o cuidado de adaptar-se à psicologia infantil. Foi o Movimento de Munich. Compreenderam os catequistas que o ensino do catecismo devia também aproveitar estas descobertas pedagógicas, dirigindo-se a tôdas as faculdades da criança: à sua sensibilidade, partindo de um fato concreto, de uma história; à sua inteligência, sendo o papel da explicação; finalmente, à vontade, isto é, a aplicação à vida.



Podemos dizer que tudo isso nos parece agora muito simples. Evidentemente foi o método mesmo de Nosso Senhor: nunca tomava como ponto de partida a lei ou os profetas, mas um fato atual ou uma parábola, para dar um ensinamento ou uma exortação. O. P. Jungmann lembra, no entanto, que essas conquistas não foram sem lutas, às vezes violentas. Uma das maiores acusações dizia que o catequista devia receber o dogma e a verdade religiosa da Igreja e transmiti-las do mesmo modo, sem o direito de deduzir de uma narração, mesmo bíblica, sendo isso um abuso e uma fonte de erros.

Atualmente, a adesão ao método indutivo é universal. Entretanto, o P. Jungmann demonstra que a objeção tem algum valor, pois o método indutivo tem limites, e não pode ser empregado sem restrições e para todas as idades. Mas isso dito, o método indutivo procura a melhor maneira de interessar a criança levando-a além da simples adesão à fórmula verbal, difícil de compreensão e pouco acessível à consciência infantil.

O P. Jungmann dá um passo adiante, ensinando o "método animado". Este método utiliza o método indutivo, porém, avança mais, procurando agir sobre o próprio mecanismo da aquisição de conhecimentos. Visa, de um lado, a utilizar todo o ser da criança por meio de atividades diversas: desenho, canto, modelagem, recortes, trabalhos de equipe, e mesmo a mímica, servindo-se ao mesmo tempo, de certo modo, da maieutica socrática. Esta maneira de agir, chama o P. Jungmann, o princípio de atividade de preferência ao denominado: método ativo, empregado por muitos. Nota o grande catequista, que "esta idéia já se encontrava em Santo Tomaz em seu livro "De Veritate", no qual compara o educador ao médico, cujo papel essencial é ajudar a natureza a encontrar o que lhe convem.

Por outro lado, o método animado utiliza a passividade das faculdades humanas que recebem impressões e conhecimentos por meio da vida, clima, ambiente que agem sobre a criança e são tanto mais fortes quanto menos perceptíveis por esta que ainda não pensa em criticá-los: é o princípio que o P. Jungmann chama de experiência. O P. Colomb já dissera nos livros de catequista "La doctrine de vie au catéchisme" que nada podemos fazer para que a criança compreenda, se ela não possui de alguma maneira uma pequena experiência. (T. 1, pág. 16-17) "Toute compréhension vivante est bâtie sur une expérience". Esta experiência religiosa deve ser feita em família, na paróquia e igualmente na aula de catecismo.

"Plus que tout autre chose, la religion, ou, plus exactement, la religion chrétienne, doit empoigner l'homme et le secouer jusqu'en son tréfonds;



c'est cela l'expérience. Sans doute faut il ici distinguer. L'expérience religieuse, au sens élevé d'événement intérieur soudain (celle par exemple qui est au départ de la conversion d'un Paul ou d'un Augustin), au sens d'événement qui continue à exercer ses répercussions sur toute la vie, n'est pas chose quotidienne, et il ne peut être question pour nous de vouloir la provoquer c'est là l'effet d'une grâce divine extraordinaire. Mais il est à notre portée, et ce nous est un devoir, de mettre en valeur et de faire fructifier les richesses contenues dans les textes révélés, d'éveiller et d'épanouir au maximum les vertus de foi, d'espérance et de charité, latentes au coeur des enfants. Cela veut dire que la catéchèse ordinaire doit essentiellement baigner dans une atmosphère de joie et de ferveur, qu'elle doit faire appel, non seulement à l'intelligence, mais aussi à la sensibilité, qu'il lui faut parler au coeur". (Doctrine de vie - pág. 142).

Colaboram pois o aspecto exterior, a atmosfera geral "alegre e serena", o contacto com a religião vivida, em particular na liturgia. Já S. Agostinho em "De catechizandis rudibus" recomendava a seu catequista e insistia mesmo, para que o ensino da Boa Nova fosse dado na alegria e na paz. Seria bom lembrar aqui uma aula sobre o ensino religioso dada em Paris, no Congresso dos Religiosos educadores, em 1949, na qual o orador, falando a respeito deste assunto, afirmava que os alunos dos Beneditinos têm muito mais o sentido do sagrado, da adoração, que os outros alunos de qualquer estabelecimento religioso, e "é por causa do clima litúrgico dos mosteiros de São Bento que os alunos, sem que o percebam, são impregnados por esta atmosfera; isso dá à sua religião o sentido profundo de Deus, sem o qual não há religião verdadeira. Tal é a influência da experiência religiosa.

Assim, o método indutivo que, partindo de um exemplo concreto, vai ao texto, combinando-se, conforme as necessidades, com o método vivo, utiliza todas as "riquezas" do ser humano, todas as fontes de atividade e da experiência, obterá pleno êxito, numa catequese assim pensada porque total.

E' isso o essencial do livro de P. Jungmann. Ainda não se esgota toda a sua riqueza: seria necessário falar sobre a exposição da História da Catequese que inicia o livro, das aplicações pedagógicas, da maneira de ensinar o catecismo, a liturgia, a História Sagrada, do programa de base, etc.

Pode-se dizer que "Catequese" é o livro de um teólogo, e de um teólogo praticante, de um autor que domina perfeitamente o assunto, adaptando-se e, o que é muito raro, pondo-o "ad usum delphini".

Há, por certo, muitos manuais da atualidade que deixaram a ordem teológica adotando outra apresentação. Esses, porém, muitas vezes, não satis-



fazem, porque não há uma ordem qualquer, e assim nos parecem uma espécie de "puzzle" das verdades religiosas. Outros, no entanto, apresentam-nos de modo mais interessante, pondo como centro da matéria, a liturgia. Agora, é necessário que os autores pensem centralizar o assunto de seus manuais na mensagem cristã. Neste ponto, o P. Jungmann é ainda o iniciador.

Será que o livro do Pe. Jungmann é de valor para nós? No Brasil, nós nos beneficiamos com as possibilidades de poder ensinar o catecismo nas escolas públicas, por exemplo, como acontece na Alemanha, para a qual o Pe. Jungmann escreveu seu livro. Lá, o ensino religioso se faz obrigatoriamente nas escolas públicas, três vezes por semana, pelo menos. Seria válido para nós o que o Pe. Jungmann fala a respeito do ensino nas escolas, se tivéssemos catequistas preparados e formados, em número suficiente e com a cultura profana equivalente à dos demais professores, para não colocar o catecismo em nível inferior, desvalorizando-o aos olhos dos alunos.

Se tivéssemos! mas não temos. Então, todos devem de compreender a importância e a urgência do problema para o nosso Brasil, como conclui a Conferência Geral da Hierarquia da América Latina unânimemente. Aquêles que tem possibilidade de fazer alguma coisa para a catequese, quer ensinando aos alunos, quer formando catequistas, quer despertando vocações pela oração, pelo sacrifício, ação apostólica e não o faz, é um traidor. Pode aplicar-se a palavra de São Paulo: "Ai de mim se não evangelizar".

Temos ainda uma outra possibilidade de que não fala o Pe. Jungmann, como acontece na França, onde representa o único meio de evangelizar os alunos das escolas públicas: a organização paroquial, que não se deve negligenciar, porque é talvez a melhor solução para o ensino religioso, como deixa transparecer o nosso autor numa nota à pág. 144.

A paróquia não é o meio natural religioso dos cristãos? Quando a opinião pública for melhor informada e formada, haverá certamente na paróquia, salas especiais para o catecismo, permitindo um ambiente sagrado, muito propício à realização plena de todos os princípios de uma catequese total de que nos fala "Catequese". Temos, pois, estas duas possibilidades; não devemos negligenciar nenhuma.

Será, no entanto, que a falta de catequistas e de verbas para remunerá-los cristã e dignamente, nos impede de dar aos filhos de Deus o pão da vida? Uma fé sincera é uma fé que age. Falta-nos a fé? a coragem? Não é possível acreditar; quaisquer que sejam os sacrifícios, temos de responder: os nossos chefes religiosos e o nosso único chefe Cristo estão à nossa espera.



Por outro lado, "Catequèse", não parece conhecer ainda as preocupações de outros países, Espanha e França, por exemplo, nos quais a renovação catequética parece fazer parte integrante do problema pastoral da paróquia, na renovação da liturgia paroquial, no desenvolvimento da Ação Católica e do espírito missionário como nos fala o R. P. Michonneau, no prefácio da obra "Catéchisme et mission ouvrière" do R. P. Retif.

Como diz o Pe. Jungmann, a educação cristã deve ser feita num meio cristão autêntico e uma paróquia fervorosa é evidentemente o melhor meio para a educação e a perseverança cristã dos meninos.

No primeiro Congresso do Ensino católico, da Páscoa de 1955 em Paris, o vigário de S. Sulpício, tratando desse problema, dizia: "Há, em minha paróquia, uma mamãe do meio popular que gosta de lecionar catecismo e vai tornar-se catequista; é bom, muito bom. Mas, penso que é mais fácil talvez que trabalhar na Ação Católica operária. Se não há em minha paróquia A. C. O., é em vão talvez que falo de perseverança aos alunos do catecismo".

Este é o problema total da catequese, que atualmente na descristianização do mundo não se pode isolar da pastoral. Representa mais que nunca um problema da Hierarquia. E' precisamente nêsse sentido que Mgr. Dell'Acqua escreveu em nome do Santo Padre a S. E. Mgr. de Provenchères, presidente da comissão francesa de catequese, por ocasião desse mesmo Congresso:

"Que tôdas as fôrças vivas da paróquia colaborem, sob a direção dos pastores, nesta tarefa primordial do ensino catequístico, que deve beneficiar-se de todo o "acquis" dos métodos pedagógicos novos... Para uma missão tão importante, a Igreja quer mestres de qualidade".

Concluimos com esta idéia. O livro de P. Jungmann, por sua vez, contribui nesta preparação. E' necessário esperar que os catequistas, estudando a doutrina e a pedagogia catequética, façam-no com muita seriedade e profundidade para chegar ao fim de sua formação: "Melhor saber para melhor apresentar, e melhor sugerir o mistério de Deus". Que sejam capazes de fazer de suas aulas de catecismo uma verdadeira iniciação cristã, um noviciado, como dizia Tertuliano, "um noviciado de vida cristã".

Os operários trabalham,  
Deus abençoa o trabalho.

M. Teresa de Cristo Lézier O. S. U.



# A OBRA DE PAULA FRASSINETTI

Por uma Religiosa Dorotéia

## VISÃO DE CONJUNTO

Há no mundo uma perene novidade: a obra de Deus.

E para Ele, a quem tudo é presente, não há nem a cortina do amanhã nem um mundo em mudança — pois, “o que é eterno é sempre novo, visto não ter idade”. (Amaral Fontoura).

Daí a juventude e atualidade da Igreja e de suas obras! Daí a vitalidade dos santos e sua possibilidade de verem, através do tempo e do espaço, sem os males do progressismo ou do tradicionalismo inveterados.

Livre de um e de outro mal, não nos apresenta ela, a Igreja, um panorama hoje, para mostrar-nos outro amanhã, porque, em cada momento, para ela “o novo não é bom só porque é novo” nem tão pouco é lei a recíproca: o antigo é ruim só porque é antigo!

E' que ela tem e dá aos seus filhos um espírito aberto e arejado, sempre disposto a aceitar e compreender a vida desde que, nessa vida, não haja desprêzo pelos valores permanentes, isto é, os valores espirituais.

Pode-se, pois, dizer da Igreja, com verdadeira propriedade, que é o templo da liberdade e a oficina do progresso do indivíduo, da sociedade e do universo. Atestam-no os benefícios à civilização e a vasta exposição permanente, que é o mundo, na sua evolução.

Não houve necessidade para a qual não apresentasse meio de alívio, não houve benemerência, que não inspirasse, não houve progresso a que não concorresse. A Igreja tomou a si tôdas as missões, cuja finalidade é o bem!

Ei-la amanhando a terra, ilustrando as cidades, cruzando os mares,



acompanhando os lentos passos da civilização antiga e média! Quantas atividades novas! Que vida produtiva! E' daí que surgem, vivas e palpitantes, as primeiras obras de assistência social, é aí que se tece a rede educacional, que hoje envolve a terra quase toda.

E vai o mundo progredindo e multiplicando atividades e prazeres.

Entre estas, avulta a obra escolar.

Mas, o mundo e os homens não podem viver, não o sabem, talvez, sem uma adoração. Não acertam, porém — eis a triste verdade — com o enderêço dêste culto de latria! Vejamo-lo. Adoraram as fôrças naturais, os seres vivos, a beleza, o prazer e o vício...

Levantaram altares a tudo que supuseram estar acima dêles mesmos e chegaram, também, ao dia em que adoraram a criança, após tê-la desprezado, espezinhado, incompreendido!

Nestas voltas e reviravoltas, tornaram contraproducente uma das maiores fôrças de que poderiam dispor: a educação. Que de vicissitudes, que de desvios no caminho dêsse grande processo social de humanização! Desde a conceituação do termo até sua realização, o êrro parece ganhar a corrida!

A filosofia se desgarrar da verdade e de Deus, com isto, a concepção de vida perde-se na confusão de uma noite de apalpadelas ou de dolorosas experiências! Basta vermos em tôrno de nós, por primeiro, o pragmatismo, depois o realismo, o fenomenologismo, o existencialismo!

Acima e sem desvios, porém, sempre nova e sempre atual, caminha e trabalha a luz de Deus. — Nela, com ela e por ela trabalha a Igreja e a Igreja por seus Institutos, seus filhos preclaros, seus santos, constrói e reconstrói, canaliza atividades, unifica!

“Aproveitar o que existe de bom no novo, sem desprezar o que há de bom no antigo, isto é, seguindo o grande São Paulo: “Examinai tudo, conservai o que é bom”.

E ninguém pode negar, sem comprovada má vontade, que ela vê a renovação como indispensável, mas, a tradição também. Vê, igualmente, que há valores, processos e idéias que podem ser sempre renovados, ao lado de valores imutáveis e eternos: Verdade, Bem e Virtude.

Em cada setor da vida, em cada época, em cada atividade, em cada ajustamento que se deva processar, para suscitar ou para amparar, para sanar ou para dirigir, ninguém, até o presente — homem ou entidade — levou-lhe a palma! E o universo é como que o grande stand de sua benemerência!

Há, porém, entre todos os benefícios, tôdas as obras, tôdas as ativi-



dades, uma em que, como luz meridiana, brilha sua atuação: é a de formar o homem para o tempo e para a eternidade.

E' que, como disse Hoornaert, S. J.: "A Igreja não é só éxtase, mas, ação. Ela é oração e caridade". Daí sua influência, sua direção, seu trabalho no campo educacional.

Nêle agiram os apóstolos, os santos padres, doutores.

Nêle trabalharam, diuturnamente, as forças exponenciais da Igreja, no decorrer das idades, no desenrolar-se da civilização.

Atestam-no todos os que leram ou escreveram a história da humanidade sem preconceito ou má vontade.

De um modo especial são atestados vivos dessas sublimes atividades, as Ordens e Congregações religiosas de tôdas as épocas, pois que vieram à luz da vida perfeita para o trabalho da educação, diréta ou indiretamente, por instituto ou por necessidade circunstancial, quer formando para si, quer preparando para a vida o homem que lhe foi confiado.

Entre êsses institutos, Deus suscita um nascimento em pleno século dezanove dirigido, especialmente, ao bem e proveito da juventude feminina: O Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia, em Génova, Itália.

Está-se na época das inovações pedagógicas e, no panorama do século, domina a filosofia da exaltação apoteótica da natureza. Entre os povos, permanece o rastilho das revoluções, enquanto o Santo Padre Gregório XVI envia aos fiéis a encíclica "Mirari Vos", condenação ao indiferentismo, à desenfreada liberdade religiosa, bem como às doutrinas erroneas de Lamennais, Hermes e Boutain.

Dentro dêsse quadro social filosófico, religioso e político, age a Fundadora. Sua primeira ordem às jovens companheiras é simplesmente: "subamos ao monte para falarmos de Deus"! Com a simplicidade e a fecundidade desta curta frase traçava ela o programa para o tempo e para a eternidade!

Subir não às alturas de um princípio humano ou ao tôpo de uma dignidade — mesmo às culminâncias da glória — não! Isso é pequeno demais para quem contempla o céu e deseja almas para Deus!

E seu desejo se nimbou de luzes, concretizou-se num plano estuendo, num conjunto harmonioso de obras êle viveu! Sua instituição, cuja atualidade nada perdeu após uma centena de anos, demonstra plenamente que nasceu das bênçãos do Altíssimo.

Deus chamara a Beata Paula Frassinetti, Fundadora das Irmãs de Santa Dorotéia, ao mistér sublime de educar, isto é, a preencher a maior



lacuna social dos últimos tempos, a trabalhar no mais árduo dos apostolados, a fazer frente, digamo-lo assim, ao perigo tremendamente horrível da perda total da vida humana e cristã, em virtude do entrelaço das idéias, dos interesses e das perturbações das consciências e das almas.

Exatamente quando tudo está como que “inclinado na queda”, é que ela põe em execução seu plano educacional. Daí o estruturá-lo para a época em que viveu e para o futuro da Igreja e da civilização. Como que pressentiu o que seria e o que faria a Escola Renovada e dela fez programa de seu Instituto.

Com uma instrução feita quase só pelo auto-didatismo e uma formação moral perfeita, jamais pendeu para o intelectualismo extremado e pôde, mesmo, mostrar que outras forças existem, além da razão humana.

A ela se aplica perfeitamente a frase de um dos nossos historiadores da educação: “O gênio pode superar a cultura e a inspiração ardente ser mais que a fria razão”.

Analizemo-la em sua instituição de tríplice aspecto: Religioso — Social — Educacional.

Ela quis um Instituto de vida ativa, em que o fim é a mais íntima união com Deus; o meio: levar a êsse Deus maior número de almas possível — logo, o apostolado pleno e iluminado pela graça, maleável não só à Divina Vontade como às justas circunstâncias de homens e lugares.

Por isso, o magno aspecto psicológico do agrado, como fundamento de aprendizado proveitoso; o problema da correção, da formação de hábitos e, principalmente, o conhecimento da educanda para seu desenvolvimento total (pontos que foram sancionados mais tarde pela ciência da educação), encontram-se claramente determinados nas normas e regras, que escreveu para as mestras.

Pode-se, pois, dizer que o Instituto da Bemaventurada Paula, chamado das Irmãs de Santa Dorotéia, estruturou-se primariamente, para educação de meninas e jovens e é essa, ainda hoje, após um século de fundação, sua finalidade primeira.

Numerosas são suas casas de educação na Europa, nas duas Américas, na África, nas Ilhas, Possessões ou Colônias de Potências Européias e o Instituto se dedica, nesses lugares, à educação pré-primária, primária, ao ensino secundário e superior, bem como à educação supletiva e técnica, tendo, além disso, uma forma especial de apostolado: A Pia Obra de Santa Dorotéia, da qual tirou o nome.



Interessante, porém, é notar-se que até à forma de apostolado levou sua finalidade educativa, pois, a Pia Obra de Santa Dorotéia é um serviço social de assistência e educação, razão pela qual não perde sua atualidade e prova, também, a ante-visão dos tempos de que era dotada a Madre Fundadora.

Educação primária — primeira atividade do Instituto nascente! E como a exerceu? Embora esteja no segundo quartel do século XIX, a visão da Fundadora é a da Pedagogia atual e, mais ainda, a da compreensão das necessidades do século XX, pois, é às crianças do povo que a Bemaventurada Frassinetti consagra as primícias de seu apostolado educativo.

Mas, a escola primária, para ela, não é simples máquina de alfabetização e sim um instrumento de formação física, intelectual e moral.

Criar hábitos, formar atitudes e, ao mesmo tempo, dar o domínio das técnicas fundamentais, embora elementares, da cultura — eis um dos objetivos de Quinto-Al-Mare, como o de tôdas as outras escolas que, após 1834, se foram fundando. Outro objetivo claramente demonstrado na sua organização de cada lugar, em qualquer região ou país, é o de promover a integração harmoniosa da criança na sociedade. Vemo-la, para isso, vencer dificuldades de tôda a sorte: desde a falta de local, de material didático até a de compreensão e auxílio! Não copiou modelos, não adotou teorias pedagógicas controvertidas ou doutrinas educacionais em experiência. Tomou a vida sobrenatural como alvo a conseguir e interessou-se pela vida natural da criança, sob todos os aspectos, de modo que, em breve, teve, nos bancos de sua escola primária, pais e filhos, povo e nobres! Assim conseguiu ela que a Escola primária irradiasse benefícios de ordem material, espiritual, intelectual, sem prejuízo da formação integral da personalidade.

As Mestras, ela as sujeitava a horários sérios, porém, flexíveis, ajustados à capacidade de trabalho mental das alunas e ao coeficiente fonogênico do trabalho escolar.

Outra característica de sua Escola Primária é a gratuidade e isso nos começos de uma fundação!

E' que a Bemaventurada Madre auscultara perfeitamente as necessidades de sua época (sem luzes e sem pão!) e previra o panorama da atualidade tão prejudicado pela penúria econômica e pela inquietação psicológica e social.

E' a visão dos santos, e, por assim dizer, sua capacidade miraculosa de atualização! E' a potência da fé, que transporta montanhas, em procura de Deus, fazendo bem aos seus semelhantes!



Semeou de escolas primárias sua cidade natal, Genova, sua província e, finalmente, a capital do Catolicismo, para, em seguida, ramificar sua fundação pelos países do velho e novo continente: aceitou participar do ensino público municipal e provincial, fato quase único na vida das Congregações religiosas. Compreendera ela o valor da cooperação e não temeu enfrentar as exigências, por descabidas ou inexequíveis, dos programas governamentais ou que não favoreciam a organização do trabalho em um todo unitário e integral!

Em seguida à Escola primária, outro problema a preocupou: o da menina e da jovem, filha do povo, abandonada ao léu da sorte.

Aí é o lado espiritual e eterno o que, sobretudo, a interessa, não permanecendo, porém, em segundo plano a educação dêsses seres recém-chegados à vida.

Vemo-la, então, totalmente entregue a uma forma de apostolado novo para a época, mas, urgente e necessário — uma verdadeira obra de assistência social de alcance presente e futuro e um perfeito apostolado de ação católica.

Novamente a análise histórica da personalidade da Beata Paula e de sua instituição no-la demonstra de uma atualidade que admira! Aceita, a Bemaventurada, uma obra externa recém-fundada na Itália, pelos Condes de Passi e da qual fala um antigo manual de 1835, do modo seguinte:

“A Pia Obra de Santa Dorotéia pretende preparar a jovem à virtude e assim assegurar a moral do povo e auxiliar a educação pública”.

De tal modo ela compreendeu-lhe o alcance que lhe deu o nome ao Instituto por ela fundado.

Um verdadeiro trabalho de assistência social, e de educação cristã, eis o que é a Pia Obra de Santa Dorotéia, daí a correção reduzida a método, a vigilância exercida sem perda de liberdade, o apostolado do meio pelo meio, ao que devemos acrescentar a vida em sociedade, nos oratórios e recreatórios, as festas próprias para cada grupo de participantes, as representações das várias companhias ou as deputações destas companhias aos párocos, nos dias festivos, aos Bispos e até ao Santo Padre!

Deve-se notar que a Obra não tira a criança ou a jovem da família, da escola que frequenta, da oficina em que trabalha ou do meio onde vive, apenas, procura elevá-la harmônicamente com este mesmo meio.

Vê-se, perfeitamente, que o organismo da Pia Obra é o meio pelo qual o próprio Espírito Santo antecipou o moderno apostolado social, de



modo que, incorporando-o ao Instituto de educação, que fundara, a Madre Frassinetti completava a sua obra e dava-lhe o verdadeiro sentido cristão da democracia!

Terceira de suas obras é a educação e a assistência sob forma sistemática a órfãs e a filhos de famílias nobres, em dolorosas condições econômicas ou desajustadas por alguma queda social.

Estão nêsse setor os "Conservatórios", os asilos e orfanatos, quase todos vindos ao Instituto após uma crise educacional mais ou menos sem solução ou, mesmo, em perfeita decadência.

A Madre mudou-lhes os nomes, organizou-lhes novos estatutos e estabeleceu nêles um regime de liberdade disciplinada, um clima de confiança, uma vida de família, como se deu no "Conservatório de Santa Maria del Refúgio" e no "Della Divina Provvidenza". Nêste último, já quase duas vezes centenário, ao passar às mãos do Instituto, a experiência educativa da Beata Paula sofreu, podemos dizê-lo, uma prova de fogo! Aí encontrou ela a indisciplina, a impiedade e a revolta, ao lado da ignorância, não faltando, mesmo, inúmeros casos de falsos anormais, muito embora, a Casa só recebesse "meninas romanas de condição civil, órfãs ou privadas de meios para se educarem". Ei-la face ao grave problema educacional do "desajustamento" sob a tríplice forma da má colocação intelectual, afetiva e social. Era preciso agir empregando autoridade e brandura, energia e serenidade, ensino ativo, trabalho em cooperação, visitas e excursões. Mais uma vez, vemo-la viver métodos e princípios da psicologia atual dentro do genuíno espírito do Evangelho. A prova, desta verdade, encontramos-na nas normas que ela mesma escreveu para direção das mestras, onde tudo se determina: atitude da educadora, sua disposição de alma, e de vontade, estudo e compreensão da educanda ao lado da preparação técnica, que ela exige, imperativamente, para cada aula.

Não é, pois, de admirar o milagre de disciplina e de formação que as Memórias do Instituto relatam sobre o "Conservatório Della Divina Provvidenza". "Dentro de três meses era outra aquela antiquíssima casa de educação".

Outra atividade a que podemos chamar quarta obra da Beata Paula, é a que hoje chamamos educação técnico-profissional. Vê-se aí que sua visão penetrou o futuro de um modo surpreendente!

Primeiro exemplo a ilustrar esta asserção é o da "Casa delle Artigianelle". Organiza-se e inaugura-se êsse Instituto de ensino primário e pro-



fissional a 21 de novembro de 1867. O aprendizado manual e artístico não teve, nêsse Estabelecimento, a desastrosa fusão romântica do ensino técnico com o de humanidades, que vemos em nossos dias. Para isso, não se preocupou a Fundadora em apenas organizar e aparelhar o Instituto (foram constantes os cuidados com o local, com o edifício, com o pessoal docente, atestam-no as Memórias), mas, em dar à Casa um regime de trabalho que oferecesse às educandas uma formação humana para a profissão e cristã para a vida.

As educandas do "Artigianelle" eram e ainda são (já são decorridos 88 anos) provas vivas de que "o trabalho técnico exercido com elevação e dignidade, constitue valioso instrumento de perfeição moral".

Depois dêste instituto, mundo a fora, a Bemaventurada fundou e organizou o que Ela chamava "LABORATÓRIOS".

Por tôda a parte, pôs, no mesmo plano pedagógico e espiritual, professoras de letras e professoras de técnicas e isto sem se perder no dédalo das teorias e idéias sôbre o trabalho manual como disciplina ou como interesse de povos e nações. Ela só visava um princípio ideal de seu espírito, que não formulou como lei, mas, viveu como santa, princípio que Pestalozzi assinou pouco depois: "A formação da personalidade sômente se realiza em sua plenitude, quando se educam a mão, o cerebro e o coração". Todos os seus estabelecimentos de ensino técnico, desde 67, tiveram por norma o princípio fundamental da união entre educação e instrução, de modo que, o horário dessas Casas permitia trabalho individual e coletivo, trabalho de grupo e de iniciativa das educandas, preparava o treino da responsabilidade, animava a emulação, elevava educandas e educadoras a uma vida de atividade serena e produtiva, porém, sempre nova e interessante. Ainda hoje, passada mais de metade de século, os patronatos, as escolas profissionais femininas são viveiros de artistas e casas de alegres e sadias jovens cristãs. Chegamos agora à atividade característica do Instituto de Santa Dorotéia: os educandários.

Não foi a primeira, como já vimos através da exposição de suas obras, não é a última, é, porém, a atividade central e, como que, a finalidade externa mais importante do Instituto. As Dorotéias são mestras antes de tudo, isto é, pessoas que já estão preparadas ou se preparam para realizar integralmente, a função educativa.

Daí sua longa preparação, sua continuidade de formação moral, cívica, religiosa, intelectual e profissional — é que elas devem ser elementos



conscientes e dinâmicos de aperfeiçoamento próprio e de outrem como também de progresso social.

O processo educativo e a dignidade de mestras exigem delas sólida e contínua preparação e a Madre organizou, ela mesma, regulamentos, normas e estatutos. Assim, aparecem os Colégios. A princípio pouco numerosos, porém, sempre com dois regimes: o de internato e o de externato. Ambos com regulamentos próprios e mestras determinadas para a direção da disciplina, embora com o mesmo programa didático para ambas as divisões. Esses colégios foram, dentro de pouco tempo, plenamente organizados de acordo com as idéias educacionais de que a Madre foi sempre propagadora e arauta: tudo para que a educanda se integre harmoniosamente na vida e consiga plenamente a felicidade eterna do céu.

Apesar da distância no tempo (1834), examinando o arquivo das Memórias, pode-se verificar nêles, aprendizado ativo e educação funcional; sobretudo, o senso do cristianismo a presidir atividades internas e externas e aproveitar, na jovem, tôdas as suas qualidades.

Foram êsses educandários a "Casa da Formação" das senhorinhas italianas e de outros países e estabelecimentos em que o aprendizado das línguas estrangeiras, das habilidades e prendas, juntamente aos princípios das ciências constituíram o currículo escolar. Dividem-se em colégios e aulas externas, onde se praticavam com perfeição as atuais teorias de que o educando deve ser tratado como homem em formação.

Se a Fundadora não temeu assumir a responsabilidade até do magistério público, como fugiria às adaptações e melhoramentos?

Os educandários, foram, pois, ajustando-se rapidamente às novas situações tanto econômicas, quanto científicas, de onde resultaram estruturas novas e nova compreensão da vida colegial.

Atividades como as chamadas academias, as agremiações internas de piedade, arte e literatura, bem como de socorro ao pobre, de participação às obras paroquiais completavam-lhes as feições modernas, muito embora os grandes colégios nobres de Bolonha, Nápoles, Genova e de outras cidades da Itália e do estrangeiro, possuissem apenas um Curso de Formação que dava à moça cultura e preparo para a vida social.

Dá-se, porém, logo a criação da escola normal nos países latinos (não se fala aqui das escolas normais Lassalistas) e o Instituto as abraça como um das atividades educacionais mais importantes. Para isso nem precisou de adaptações ou inovações, pois, o pensamento da Madre Fundadora não foi



outro senão o de formar educadoras. Para Ela, a professora é “Mensageira dos valores eternos”, não um simples instrumento de métodos, mas a personalidade da professora é um dos elementos fundamentais da educação. Por isso, na história do Instituto, não se faz apologia de métodos negativos, e, para a Fundadora, prêmio e castigo são considerados sob o prisma dos valores que suscitam. Nêsse grande setor, o da formação das professoras, mais ainda que nos outros, o ensino no Instituto, desde os fins do século passado, é progressivo, prático e educativo, especificando-se a orientação frassinettina: “a educação que devemos dar, terá de ser sólida, sem severidade inoportuna e intransigente; suave, sem levandade de trato; profundamente religiosa, sem ser pesada: piedosa, sem excessos de práticas religiosas. Habituairemos as alunas à diligência, à operosidade, sem eletrizá-las com atividade febril; daremos o senso da medida, do equilíbrio da vida prática, sem enfraquecer os entusiasmos pelos ideais mais elevados”.

Como se essa norma não bastasse, estuda-se a orientação pedagógica de cada país para se atender aos diversos tipos de instituições de nível secundário ou superior, que formam o professor primário e o secundário. No primeiro caso estão inúmeras casas do Instituto, maioria, pôde-se dizer. Chamam-se Escolas Normais aqui no Brasil, “Istituto Magistrale” na Itália, Institutos de Educação em várias outras regiões e países e, em tôda a parte, opéram um bem imenso, dando às futuras mestras sólida preparação pedagógica, social e prática. Tôdas as Escolas Normais possuem uma escola de aplicação, verdadeiras unidades escolares, capazes de oferecer à aluna-mestra campo imenso de experimentação sob qualquer aspecto. A frequência dessas salas, na sua totalidade, é de crianças do povo e nelas se organizam tôdas as atividades, que constituem as instituições escolares, dentro e fora do âmbito da escola. Aprendendo a dirigí-las, é que a aluna-mestra apalpa a necessidade da cooperação, da solidariedade, da compreensão humana e cristã da vida. Nota-se, porém, que essas instituições não são de hoje, no Instituto, pois, suas normas às Mestras foram dadas de próprio punho pela Bemaventurada Fundadora às jovens professoras: “Julgarão uma fortuna serem empregadas na educação das crianças do povo, cuja condição foi tão cara a Jesus Cristo”...

Esse traço peculiar da obra da Beata Paula a faz anteceder políticos e educadores. Sua visão do futuro e sua prodigiosa atualidade fazem-na a Santa de dois séculos e a Mestra dos dias atuais, vivendo princípios e leis da Escola Renovada, como em Campitelli ou em Richimond, na América do Norte ou na África, em Mossamedes.



Não é só esta a atividade educacional do Instituto, para o magistério. Na atualidade, são diversas as Faculdades de Filosofia junto às quais funcionam pensionatos para universitárias, dentro dos quais à vida de família junta-se a da formação técnica para economia doméstica.

Além dessa atividade, em todo o Instituto, funcionam os setores femininos da Ação Católica, perfeitamente de acordo com as normas da Santa Sé.

Há, pois, uma afirmação que podemos comprovadamente repetir: Há no mundo uma perene novidade: a obra de Deus e para Ele, a quem tudo é presente, não há passado nem futuro; só a atualidade produtiva, feliz e santa dos seus Santos, isto é, dos seus filhos beneméritos da civilização entre os quais podemos colocar a Bemaventurada Paula Frassinetti, Fundadora do Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia.





## A ORDEM PREMONSTRATENSE

Cônego Guilherme Adriaansen O. Praem.

**O Fundador.** S. Norberto, o Fundador da Ordem Premonstratense, nasceu em 1080. Seus pais, o conde Heriberto de Gennep e sua espôsa Edwiges, obtiveram êste filho por meio de fervorosas orações. Por revelação do Céu, feita antes do seu nascimento, foi anunciado o futuro dêste filho com estas palavras: "Ânimo, Edwiges, o filho que te vai nascer será um grande prelado, que prestará relevantes serviços a Deus".

Animados por tais palavras promissoras, os piedosos pais destinaram o menino à carreira eclesiástica. Por êste motivo confiaram-no cedo à escola capitular da colegiada de Xanten. Norberto, dotado de viva inteligência e de ótimas qualidades, applicava-se ao estudo e, apesar da pouca idade, era considerado clérigo e fazendo parte do corpo dos cônegos seculares daquela colegiada. Os pais, remediados como eram, forneciam ao jovem cônego amplos recursos, esquecendo-se de que a riqueza costuma ser má conselheira. Sem querer contribuíram assim para fomentar no espírito de seu filho a vaidade, sentimento que também os seus superiores não trataram de reprimir. E assim aconteceu que o jovem Norberto chegou a ocupar-se menos da sua vocação eclesiástica, e prosseguir projetos de vaidosa ambição mundana. Nestas disposições já não lhe agradava a pacata vida em Xanten. Em 1105, encontramo-lo entre discípulos do mosteiro Beneditino de Sigeburgo. Os ensinamentos e exemplos dos monjes exerceram benéfica influência no seu espírito, tanto que resolveu receber a primeira das Ordens maiores, o subdiaconato. Mas outra vez venceram-no a vaidade e a ambição. Pouco depois entrou para a côrte do príncipe-arcebispo de Colônia. Mas, para satisfazer a maiores ambições, transferiu-se para a côrte do imperador Henrique V. As suas aptidões, boas maneiras e eminentes qualidades



fizeram-no subir na estima de todos e do próprio imperador, de quem se tornou conselheiro.

Era em plena luta das investiduras. Os imperadores, interessados na eleição dos bispos, por serem muitos deles investidos do poder temporal nos seus territórios, chegaram a dispôr autoritariamente da nomeação dos bispos. Henrique IV tinha sido excomungado por êste fato e, em seguida, destronado e encarcerado pelo próprio filho, Henrique V. Êste preparava-se para ir à Roma, pretextando entender-se com o Papa sôbre as investiduras a fim de ser coroado imperador. Norberto não podia faltar a essa aparatosa expedição. Henrique, apenas coroado, depôs todo fingimento, mandou aprisionar o Papa e levá-lo ao acampamento imperial. Na mesma noite, porém, veio um jovem fidalgo do séquito do imperador ajoelhar-se aos pés do Santo Padre e pedir-lhe perdão da aparente cumplicidade na perfídia do seu soberano. Era Norberto. A retidão do seu caráter revoltara-se contra êsse proceder iníquo. Não podendo aliviar a sorte do ilustre prisioneiro, quis dar-lhe esta consolação. O Papa, vendo as boas disposições de Norberto, absolveu-o de tôda culpa. Afinal, obrigado pela violência, o Papa cedeu às exigências do imperador. Êste, interpretando a seu modo as concessões recebidas, começou sem tardança a dispôr dos bispados. E, como prova de estima, ofereceu a Norberto o bispado de Cambraia. Êste, porém, soube delicadamente recusar a oferta, sendo que esta foi então aceita pelo seu colega e amigo, Burcardo, que depois se submeteu à S. Sé e administrou honradamente a diocese. Como Henrique ia cada vez mais longe nos seus desvarios, foi pronunciada contra êle a sentença da excomunhão. Dissiparam-se os sonhos de grandeza de Norberto. Atendendo, enfim, à voz da sua consciência e aos seus princípios religiosos, conservados apesar de tudo, retirou-se definitivamente da côrte.

Voltando para Xanten, na tranquilidade daquêle recanto, o seu espírito foi se abrindo gradualmente a reflexões mais sérias. Uma graça especial veio alí completar uma transformação completa. Num dia de maio, o jovem fidalgo cavalgava para uma localidade vizinha. De repente viu-se envolvido numa medonha tempestade. Um raio caiu-lhe na frente, lançando em terra cavalo e cavaleiro. Atordado, começou a dizer interiormente: "Senhor, que quereis que eu faça"? E logo, como se alguém lhe dissesse: "Deixa o mal e faze o bem, procura a paz e segue-a". Norberto, considerando no coração as misericórdias de Deus, voltou pelo mesmo caminho e, aumentando o fogo do amor divino, iniciou a luta contra si mesmo. Não mudou imediatamente seu modo de trajar, não abandonou logo o século, mas come-



çou a dominar o corpo por um áspero cilício debaixo do seu luxuoso vestuário. Recolheu-se a uma pequena cela no convento dos cônegos e entregou-se ali à meditação e rigorosas penitências.

Em seguida foi colocar-se sob a direção espiritual do Abade Conon de Sigeburgo, por cujos ensinamentos e exemplos fez rápidos progressos no, caminho do temor e do amor de Deus. Foi então que se resolveu às Ordens sacras, pois durante dez anos tinha-se limitado a ser subdiâcono apenas. No dia em que o arcebispo de Colônia conferia as Ordens, Norberto entrou na catedral, revestido de tôdas as insígnias das suas dignidades mundanas, e ali, na presença de todo o povo, depôs todos esses ornamentos, vestiu-se de uma túnica de penitente e foi colocar-se com os ordenados. Foi a heróica retratação pública de toda a sua vida anterior. Depois dum retiro de 40 dias, no mosteiro de Sigeburgo, voltou a Xanten para celebrar a sua primeira Missa. Retomando o seu lugar entre os cônegos, começou desde logo, na reunião do capítulo, a exortá-los à observância exata das suas obrigações. Apesar de não concordarem todos com êste proceder, continuou também nos dias seguintes, até que alguns descontentes assalariaram um clérigo de ínfima categoria, que começou a insultá-lo e levou as suas injúrias ao ponto de cuspir-lhe no rosto. Norberto, recordando-se de que o próprio Cristo tinha recebido igual ultraje, conteve-se, enxugou o rosto e perdoou a afronta.

Tudo isto serviu para que Norberto se convencesse de que ainda lhe faltava mais alta virtude para conseguir que a sua pregação frutificasse. Abandonou a sua celinha na colegiada e retirou-se a uma ermida que existia ao lado duma capelinha no Furstenberg, fóra da cidade. Ali entregou-se a severas penitências, profundas meditações e atentos estudos. De vez em quando visitava o mosteiro de Sigeburgo e a abadia dos cônegos regulares de Rolduc. Numa dessas visitas, Norberto celebrava a S. Missa numa cripta, até hoje conservada e venerada por causa do fato que se deu então. Na hora em que o celebrante ia tomar o preciosíssimo Sangue, aconteceu que uma aranha bastante grande foi cair dentro do cálice. Para não admitir a menor irreverência material, resolveu-se a engolir junto com o S. S. Sangue também o repugnante inseto, embora fosse reputado venenoso. Depois da Missa veio ajoelhar-se ao pé do altar, oferecendo a Deus a sua vida, feliz por ser vítima depois de ter sido sacrificador. Mas Deus dispôs de outra maneira. Por um forte espirro foi a aranha expelida pelo nariz . . . . .

Norberto passou três anos em sua ermida, sempre ocupado em instruir-se e santificar-se. Sentia-se inclinado para a vida religiosa. Procurava



imitar as austeridades que tinha observado em vários institutos, mas applicava-se igualmente ao ministério apostólico e à pregação da palavra de Deus.

Isto, porém, não agradou aos seus colegas, os cônegos de Xanten, que chegaram a levar contra êle uma queixa perante o Concílio de Fritzlar, em 1118. Acusaram-no de vestir um hábito religioso sem pertencer a comunidade alguma, de arvorar-se em reformador do clero e de pregar sem ter recebido a devida autorização. O Concílio não se pronunciou nessa questão particular e inoportuna. Mas tudo indica que Norberto recebeu particularmente benévola animação do legado do Papa, Cardeal Conon de Preneste, que tinha sido um dos fundadores e durante dez anos superior da congregação dos cônegos regulares de Arrouaise.

O incidente de Fritzlar teve importância decisiva no futuro da vida de Norberto. Depois de ter passado a noite em oração, pareceu-lhe mais clara a Vontade de Deus. Foi ter com o arcebispo de Colônia, pedindo aprovação do seu intento e resignando o seu canonicato de Xanten. Vendeu todos os seus bens e distribuiu o dinheiro arrecadado entre os pobres e obras pias. Acompanhado de dois fiéis servidores, que a nenhum preço quizeram separar-se dêle, encaminhou-se para o sul da França, a fim de encontrar ali o Papa Gelásio II. Pediu e obteve do Santo Padre carta pontifícia autorizando-o a pregar em tôda parte. Investido das funções de pregador apostólico, voltou para o norte em meio das inclemências dum inverno rigoroso. Em Orléans juntou-se-lhes um subdiácono. Chegando em Valenciennes, o missionário apostólico iniciou as suas pregações. Ali encontrou o bispo de Cambraia, Burcardo, seu antigo amigo e colega na côrte de Henrique V, que o recebeu amigavelmente. Mas, de imprevisto, os três companheiros de Norberto adoeceram e morreram ali, apesar dos mais dedicados cuidados. Em seguida, êle mesmo foi acometido do mesmo mal. O bispo dispensava ao seu amigo todos os recursos, visitava-o e mandava o seu secretário visitá-lo. Este, um jovem sacerdote, chamado Hugo, tinha recebido e anunciado ao bispo aquêle peregrino na hora da sua chegada, profundamente impressionado pela extrema pobreza daquêle penitente. E agora, em cada visita admirava mais as suas raras virtudes. Atraído por tais exemplos, resolveu segui-lo e associar-se à mesma vida abnegada. Tornou-se o companheiro inseparável de Norberto e será um dia o seu sucessor na suprema direção da futura Ordem.

Restabelecido, afinal, Norberto reassumiu as suas pregações. Em companhia de Hugo percorreu várias regiões da Bélgica, pregando a palavra de Deus ao povo e, sempre que se apresentasse a ocasião, dirigindo pala-



vas de edificação aos seus irmãos no sacerdócio e aos religiosos. “Nenhum pregador contemporâneo era mais popular e benquisto”. Missionário errante, compadecia-se da sorte dos pobres e fracos e os defendia contra a prepotência dos usurários e opressores. Dispunha do dom especial de reconciliar os inimigos e de restabelecer a paz entre os nobres senhores, tão frequentemente perturbada naqueles tempos. Foi por isto chamado “anjo da paz”.

Em meio dêstes seus trabalhos apostólicos, Norberto foi surpreendido pela notícia da morte do Papa Gelásio II e da eleição do seu sucessor Calisto II, que viria presidir ao Concílio de Reims, convocado para o mês de outubro de 1119. Norberto resolveu ir ali encontrar o Papa, a fim de conseguir dêle a renovação das faculdades de pregador apostólico. Mas o humilde penitente, descalço e pobre, não conseguiu ser admitido à presença do Santo Padre. Voltando com Hugo e mais outro que se lhes tinha juntado, a Providência fez que se encontrasse no caminho o bispo de Laon, Bartolomeu de Joux, que se interessou pelo pobre estrangeiro e o levou à presença do Papa. Êste, depois de renovar as faculdades pontifícias, indagou das intenções de Norberto, ouviu o seu modo de viver, os seus planos de reforma, o seu desejo de abraçar a vida religiosa, procurando uma fórmula que não impedisse as suas pregações. O Santo Padre previa que tais disposições poderiam ser, no futuro, de muita utilidade para a S. Igreja. Desejava entreter-se mais detidamente com o humilde peregrino. Mas, impedido pelos trabalhos do Concílio, limitou-se a confiá-lo aos cuidados do bispo Bartolomeu, pedindo que o conservasse consigo e o levasse depois para Laon, pois o próprio Papa iria, depois de encerrar o Concílio, passar algum tempo em Laon, na companhia do bispo, seu parente.

**A Fundação.** O bispo sentiu-se sumamente satisfeito com a permanência do Santo em sua companhia. Esperava ansiosamente a chegada do Papa, para relatar-lhe tudo quanto de virtude tinha encontrado naquele que lhe parecia ter sido enviado pelo céu.

Quando Calisto II chegou a Laon e ali foi recebido com muitas honrarias, ficou hospedado na casa do bispo, e êste teve ocasião de explicar ao Santo Padre as ótimas disposições que encontrara no seu hóspede Norberto. E êste pôde entreter-se longamente com o Papa a respeito dos seus planos de reforma, fazendo constar as suas aspirações à vida religiosa, mas que não fosse uma vida exclusivamente monástica e contemplativa. O Papa apoiou essa idéia e aconselhou-o que comunicasse êste seu espírito a alguma comunidade religiosa. Norberto sentiu-se sumamente satisfeito com a opinião do Santo Padre que era uma aprovação das suas aspirações. E sob a inspi-



ração do céu, afirmou-se no seu espírito o ideal de uma nova forma de vida religiosa com a prática das austeridades da vida monástica associada à vida ativa na vinha do Senhor. Uma crônica da época escreve com razão que S. Norberto instituiu a sua Ordem com aprovação e até por ordem do Papa.

O bispo Bartolomeu empenhou-se vivamente em conservar o Santo em sua diocese e levou-o em sua companhia para que escolhesse um lugar para a construção dum mosteiro. Chegando ao vale de Prémontré, Norberto passou ali a noite em oração, durante a qual teve uma visão de uma multidão de homens vestidos de branco que, com cruces e turíbulos, circulavam cantando o louvor de Deus. Compreendeu ser Vontade de Deus que naquêlê lugar, rude e inhóspito, lançasse os alicerces duma nova Ordem que, do lugar chamado Prémontré ou Praemonstratum, ficou conhecida como a Ordem Premonstratense. Depois de uma alocução aos universitários de Laon, sete jovens estudantes seguiram-no para aquêlê deserto. Maria Santíssima apareceu então a Norberto, trazendo-lhe o hábito branco que devia adotar. Na festa de Páscoa, 18 de abril de 1120, o bispo Bartolomeu deu a todos o hábito, conforme a côr e o feitio que Nossa Senhora tinha indicado a Norberto. Naquêlê dia eram treze os discípulos, guiados apenas pelas instruções do Fundador. E todos rezavam para que Deus lhes dêsse a conhecer a Regra que deveriam seguir. Foi durante a oração que S. Agostinho apareceu a Norberto, dizendo-lhe: "Eu sou Agostinho, bispo de Hipona. Eis a Regra que eu escrevi. Se teus irmãos, meus filhos, lutarem generosamente sob esta Regra, poderão apresentar-se sem temor perante o tribunal do último juízo".

O número dos discípulos crescia constantemente. Foi durante a Missa solene da noite venturosa do Natal de 1121 que todos, reunidos na humilde capelinha, pronunciaram os votos de Religião. Com êste ato estava definitivamente fundada a Ordem Premonstratense.

O Bem-aventurado Hugo, primeiro companheiro de Norberto, pouco tempo depois, teve uma visão enquanto estava em oração. Viu, no centro do vale de Prémontré, a gloriosa imagem de Jesus Cristo crucificado. Sete raios de maravilhosa claridade irradiavam da pessoa do Crucificado. Guiados por aquela luz, entravam pelos quatro lados do vale numerosos peregrinos. Ajoelhavam-se em oração diante do Crucifixo, beijavam-lhe os pés e, tendo recebido d'Ele autorização de levar a glória do seu Nome às quatro partes do mundo, retiravam-se. Naquêlê lugar foi construída a igreja e, ao lado desta o mosteiro.

**A Organização.** Admiramos em S. Norberto o seu completo abandono à Vontade de Deus. Confiava-se à Providência divina sem restrições, disposto



a qualquer sacrifício. Submisso à suprema autoridade eclesiástica, vêmo-lo em terra estranha, chefiando uma nova comunidade. E, de acôrdo com a animação recebida do próprio Papa, essa comunidade não seguiria a vida monástica como era observada até então. E é natural que essa idéia tinha madurecido no espírito de Norberto, sob o impulso da inspiração divina. Ninguém conhecia como êle as condições eclesiásticas e sociais daquele tempo. Testemunha que foi de todos os males provenientes da ingerência do poder civil nos negócios eclesiásticos e das suas perniciosas consequências no clero e nos fiéis, reconheceu que nenhum problema era de tanta relevância como a reforma daquêles costumes. Como êle foi até o fim da sua vida o campeão intrépido das liberdades da S. Igreja, queria que os seus discípulos não se contentassem com a santificação própria dentro do mosteiro, mas que trabalhassem valorosamente no ministério apostólico. Prescreveu-lhes uma norma de vida que, seguindo as austeras instruções monásticas, ao mesmo tempo os habilitasse para a luta no campo espiritual e social, por demais abandonado até então. Conservou pois dentro das abadias e conventos o rigor da vida monacal, mas juntou-lhe a atividade exterior, de acôrdo com a obediência, no ministério sacro. Muitos não compreenderam, desaprovaram ou criticaram essa chamada inovação. Norberto e sua Ordem, apoiados no beneplácito da S. Sé, não deixaram de firmar-se no seu santo propósito. Iniciaram em Prémontré a chamada vida mixta, simultaneamente contemplativa e ativa. E êste exemplo foi imitado, com algumas variantes, por tôdas as Ordens e Congregações que foram fundadas depois. Assim reconhecemos em S. Norberto o pioneiro da nova orientação na vida religiosa, a vida mixta.

A aprovação apostólica da Ordem foi dada pelos Cardeais-Legados da Santa Sé, aos 28 de junho de 1124, "ao nosso venerável irmão Norberto e a todos os irmãos que sob sua obediência professam a vida canonical". Em 1126, Norberto foi a Roma, a fim de obter para o seu instituto a aprovação definitiva e direta da Santa Sé Apostólica. E, no dia 18 de fevereiro daquêle ano, o Papa Honório II assinou o documento da aprovação da Ordem Premonstratense, concedida "Ao nosso amado filho Norberto, nosso irmão em Cristo, e aos cônegos da igreja de Nossa Senhora de Prémontré".

**Expansão.** Naquela data, porém, a Ordem de S. Norberto já estava largamente difundida. Em 1122, Norberto tinha estabelecido os seus Religiosos na abadia de Floreffe, na Bélgica, e na de Cappenberg, na Alemanha, logo seguidas de novas fundações: Viviers, Cuissy, S. Martinho de Laon, Dommartin e Vicogne, na França; Varlar e Ilbenstadt, na Alemanha; Bonne



Espérance, S. Foilano e S. Miguel de Antuérpia, na Bélgica. Foi nesta cidade que Norberto com os seus Religiosos venceu a heresia de l'anquelmo, o que lhe valeu o glorioso título de Apostolo do S. S. Sacramento. Quando S. Norberto, em 1120, se dirigiu a Roma, passando pela Baviera, toram-lhe oferecidas as novas abadias de Windberg, Ursperg, Koth, Roggenburg e Oerzeil.

Entretanto S. Norberto já tinha instituído a Segunda Ordem Premonstratense, ramo feminino do seu instituto. As Irmãs ou conegas estão sob jurisdição da Ordem, com votos solenes, e professam vida contemplativa e litúrgica. A Bem-aventurada Kicvera foi a primeira a receber o hábito e depois a direção do convento.

O piedoso conde Teobaldo de Champanha, príncipe de vida exemplar, foi ter com S. Norberto e pediu admissão na nova Ordem, à qual oferecia a sua pessoa e todos os bens que possuía. Era senhor — escreve Guiberto de Nogent — que possuía tantos castelos quantos são os dias do ano. O Fundador, tendo consultado a Deus numa fervorosa oração, respondeu que eram outros os designios da Providência: "Não sereis religioso, mas continuareis a levar o jugo do Senhor, como tendes feito até agora, juntando-lhe ainda o do estado conjugal". O poderoso senhor submeteu-se com humilde simplicidade a este aviso, mas pediu ao Santo que lhe concedesse alguma participação nas orações e piedosas obras da Ordem, e lhe prescrevesse uma regra de vida cristã que estabelecesse uma certa união com a comunidade Premonstratense. Foi então que o Santo lhe traçou um regulamento de vida mais perfeita no mundo e deu-lhe um sinal de união com a Ordem, um curto escapulário de pano branco. Assim ficou instituída a Ordem Terceira de S. Norberto, na qual muitos seguiram o exemplo edificante do venerável conde Teobaldo.

A aprovação pontifícia veio confirmar a Ordem Premonstratense e todas as instituições da mesma que já existiam em 1126. No mesmo ano, porém, quando a Ordem estava em pleno desenvolvimento, S. Norberto foi eleito arcebispo de Magdeburgo. Obrigado, de repente, a se afastar de Prémontré e do governo da Ordem, da qual era o único superior, providenciou no sentido de ser substituído em Prémontré por outro, cuja livre eleição confiou aos seus irmãos. O Bem-aventurado Hugo, primeiro discípulo e companheiro do Fundador foi eleito e constituído primeiro Abade de Prémontré e superior geral da Ordem. O Capítulo Geral, convocado anualmente, ficou sendo a suprema autoridade na Ordem.

Enquanto Norberto trabalhava ativamente em sua arquidiocese e se empenhava em melhorar as condições espirituais do seu rebanho, não



perdia de vista a enorme tarefa que lhe restava a completar, nas regiões norte-orientais da Alemanha, o Wendenland, país habitado pelos Wendos, ainda dados às superstições pagãs. Compreendeu que a cristianização daquele vasto território dependia dum trabalho paciente e persistente. Chamou, pois, os seus Premonstratenses, estabeleceu-os na igreja de Santa Maria em Magdeburgo, que seria o ponto de partida de todos os trabalhos apostólicos. Fundou novas abadias, postos avançados de penetração cristã. Os bispados de Havelberg, Brandeburgo e Raceburgo foram incorporados na Ordem. Os missionários das abadias de Jerichov, Leitskov e Lindov, ajudados pelos seus confrades de Cappenberg e da Frísia, à força de perseverantes desvelos, conseguiram ganhar toda aquela região para a Igreja de Cristo. “S. Norberto — escreve o Dr. F. Winter — pessoalmente pouco pôde fazer entre aquela gente. Mesmo assim favoreceu infinitamente aquela missão, por lhe ter aberto um belo porvir. Pois, em toda a história eclesiástica da idade média não se encontra outro exemplo de ter uma Ordem religiosa realizado a conversão de todo um país, como o fizeram os Premonstratenses no país dos Wendos”.

Não podemos deixar de mencionar aqui a influência decisiva que S. Norberto exerceu no reconhecimento do legítimo Papa Inocêncio II. Ao lado do rei Lotário no Concílio de Liège, delegado do mesmo rei ao Concílio de Reims, foi o principal conselheiro que convenceu Lotário de fazer uma expedição a Roma, com o fim de colocar no trono pontifício o legítimo Papa e destituir o intruso Anacleto. Norberto acompanhou essa expedição na qualidade de chanceler do império Romano-Germânico. E ali teve a coragem de opôr-se publicamente às demasiadas pretensões do seu imperial senhor. Voltando exausto e com dificuldade a Magdeburgo, coroou ali com uma santa morte uma vida passada em promover a glória de Deus e da S. Igreja.

**Histórico.** Entretanto, a Ordem Premonstratense tinha se desenvolvido constantemente, tanto que, na ocasião da morte do seu S. Fundador, o número de abadias e preposituras da Ordem já tinha chegado a 64, espalhadas pela França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Austria, Hungria e Espanha. No mesmo século XII, difundiu-se igualmente pela Itália, Inglaterra, Irlanda, Escandinávia, Palestina, Grécia e Polónia.

Os Capítulos Gerais realizavam-se anualmente em Prémontré, onde, ainda sob a presidência do Bem-aventurado Hugo, primeiro Abade Geral, chegaram a reunir-se mais de cem abades. Não houve na Igreja outra instituição de Cônegos Regrantes que se possa comparar com a dos Premons-



tratenses. Desde os albores da sua existência difundiu-se maravilhosamente e, durante os dois primeiros séculos, o número das suas casas foi crescendo sempre. Havia então, na época do seu maior desenvolvimento, até 353 abadias Premonstratenses e 122 conventos da Segunda Ordem. Formavam 33 Circarias ou Províncias. O número de Religiosos em cada abadia era geralmente elevado e em muitas abadias atingia a várias centenas.

No entanto, como toda obra de Deus, a Ordem Premonstratense não pôde escapar a duras provações. As casas da Palestina, que ali fizeram tanto bem durante as Cruzadas, foram as primeiras a cair sob os golpes do Islamismo. Em 1187, foram ali martirizados sete Premonstratenses da abadia de S. Habacuc, e, em 1291, outros 26 da abadia de S. Samuel. Tiveram a mesma sorte todos os que se achavam em Chipre e na Grécia, quando os Turcos se apoderaram dessas regiões. Na Moravia e Boêmia desapareceram várias abadias sob a fúria de Hus e Ziska. Piores consequências teve a implantação do Protestantismo nos países onde a Ordem possuía numerosas casas. Mais de duzentas abadias foram então destruídas ou confiscadas, além de todos os conventos da Segunda Ordem existentes naquelas regiões, sendo 62 na Inglaterra e Irlanda, 40 na Holanda, 8 na Escandinávia, 30 na Saxônia e Pomerânia, 42 na Hungria, onde os Turcos completaram a destruição começada pelos Protestantes. Por aquele mesmo tempo, a praga das "comendas" veio perturbar profundamente a vida da Ordem na França e na Espanha e inutilizar qualquer tentativa de progresso.

Aplacada a tempestade, a Ordem teve ainda uma época de renascença, tanto que, em 1760, o número das casas Premonstratenses atingiu a 240. Mas já se aproximava então o tempo de novas perseguições, desta vez nos países considerados católicos.

O Josefismo começou por suprimir numerosas casas nos países austríacos e proibir qualquer comunicação com o governo central da Ordem. A Revolução Francesa expulsou todos os Religiosos das 94 casas que ainda existiam na França. Pouco depois, anexada a Bélgica, foi ali aplicada a mesma medida. Em consequência do tratado de paz de Luneville, em 1801, foram atribuídas a vários príncipes alemães 32 grandes abadias e 20 conventos na Baviera, Renânia e Westfália. Na Polônia foram fechadas pelo governo russo, em 1819, as abadias da Ordem. Afinal, a revolução de 1833 deu fim a todas as abadias da Ordem existentes na Espanha.

Parecia a ruína completa da venerável Ordem de S. Norberto, sobrevivendo apenas algumas abadias na Austria.

Contudo viviam ainda alguns Premonstratenses, dispersos e enve-



lhecidos, quando despontavam tempos de paz e de liberdade. Com esforços inauditos, que pareciam desmentir-lhes a idade avançada, conseguiram êstes restabelecer algumas das antigas abadias na Bélgica, Holanda e França, que se constituíram em novos centros de vida norbertina, de apostolado e de ação católica. Mercê de Deus e dêste punhado de almas generosas renasceu a Ordem e readquiriu novo vigor. "Vossa Ordem — disse Bento XV — apesar da sua venerável antiguidade e das vicissitudes dos tempos, parece adquirir atualmente nova juventude".

Nas abadias reviveu o espírito de S. Norberto, o esplendor do culto litúrgico, a observância religiosa e a atividade em todos os ramos do apostolado. Sob a benção do céu foi aumentando o número de Religiosos, tanto que várias abadias já os contam por centenas. A dominação comunista suprimiu as comunidades ainda existentes ou restabelecidas na Checo-Slováquia e na Hungria. Os sobreviventes reuniram-se em Schonau, na Alemanha, onde foram readquiridas também as antigas abadias de Windberg e de Roth. A Ordem restabeleceu-se igualmente na Inglaterra e na Irlanda.

Os filhos de S. Norberto, entretanto, já tinham levado o hábito e o espírito do seu Santo Fundador às duas Américas, à Africa e à Asia, onde fundaram vários estabelecimentos e projetam outros.

No Brasil estabeleceram-se os Cônegos Premonstratenses da abadia de Averbode e outros da abadia de Parc. Os primeiros mantêm aqui algumas casas. A mais antiga é o priorado de Pirapora do Bom Jesús, no Estado de São Paulo. Dirigiram ali, durante 44 anos, o Seminário menor da arquidiocese de S. Paulo, empenhando o melhor dos seus esforços na formação do clero da arquidiocese e de vários outros bispados. Hoje funciona no mesmo local o priorado Premonstratense, com a observância da vida regular da Ordem, noviciado e estudos superiores, tendo anexo o Seminário Premonstratense, com alunos que se destinam a ingressar na Ordem. Outros estabelecimentos são o priorado de Jaú, naquela cidade Paulista, com o Colégio S. Norberto. Também dirigem o Colégio S. Vicente de Paulo, em Petrópolis. Na mesma cidade existe igualmente um convento de Religiosas Premonstratenses, de vida contemplativa e litúrgica, com clausura papal e sob jurisdição da Ordem. Na Capital de S. Paulo ainda possuem a Residência de S. Norberto e dirigem a paróquia de S. José.

Os Cônegos de Parc estão estabelecidos na diocese de Montes Claros, onde administram várias paróquias e mantêm uma escola apostólica ou Seminário Premonstratense.



# SEMANA CATEQUETICA EM RIBEIRÃO PRETO

Realizada de 8 a 17 de Novembro de 1955

No Colégio Santa Úrsula, de Ribeirão Preto, a Diocese, por intermédio do Diretor do Ensino Religioso, o R. Pe. Horacio, organizou uma Semana Catequética, ou melhor, uma semana de informação sobre a Catequese. O fim era despertar uma inquietação nos corações católicos, a respeito da deficiência do ensino religioso, por falta de interesse dos diocesanos e de catequistas bem preparadas. O pequeno número daquelas que já se dedicam inteiramente a esta obra primordial não permite assegurar o ensino do Catecismo senão a menos de 7% das crianças. Há assim bairros da cidade que estão completamente paganizados, embora a propaganda protestante e espírita se desenvolva com êxito por causa da lamentável ignorância religiosa.

S. Excia. Revma. o Sr. Dom Luiz Mousinho, bispo de Ribeirão Preto, que promoveu a Semana, principiou mostrando, num discurso muito forte e insistente, a urgência e a responsabilidade dos católicos, e principalmente dos religiosos, em tomar consciência do problema em toda a sua amplitude. Trata-se não somente de dar o ensino religioso, mas de dar um ensino religioso bem ministrado, eliminando, conforme os desejos e súplicas de nosso Santo Padre o Papa Pio XII, à Conferência Geral da Hierarquia da América Latina, eliminando as rotinas, pondo-se ao nível dos estudos profanos, das descobertas da psicologia e da pedagogia, adaptando-se à capacidade mental e religiosa das crianças, para torná-las não somente sábias na doutrina, mas sobretudo, sábias na vida cristã.

As palavras do Senhor Bispo Diocesano eram um programa. Infelizmente o fim do ano escolar não permitiu a muitos professores dos grupos escolares e a algumas religiosas seguir mais de perto a Semana. Entretanto, podemos dizer que a Diretora do Departamento de Catecismo da Conferência



dos Religiosos do Brasil, chamada por Dom Luiz, notou entre os assistentes e participantes, uma exatidão notável e grande interêsse, que se manteve até o fim. Foram colaboradoras muito dedicadas. Alguns estavam tão interessados, e tinham tanto desejo de aperfeiçoar-se, que não bastavam para eles as sessões previstas, e entre as aulas, havia conversas e tomadas de contacto, que esperamos sejam frutuosas, com a graça de Deus.

Cada dia havia três sessões, duas de aulas praticas, seguidas de críticas e explicações pedagógicas, dirigidas pela Diretora do Departamento de Catecismo da C. R. B. Cada turma, do primeiro ano primário ao terceiro normal, teve assim um curso adaptado à sua idade e às suas preocupações.

De noite, às 8 horas, uma conferência com debates reunia mais participantes. A hora era mais propícia. Foram apresentados e discutidos os seguintes assuntos:

- 1 — A importância do problema catequético — S. Excia. o Sr. D. Luiz Mousinho;
- 2 — A primeira formação religiosa dos filhos de Deus — M. M. Sofia, O. S. U.
- 3 — A oração dos filhos de Deus — Dom Xavier, O. S. B.
- 4 — A missa dos filhos de Deus — M. Teresa de Cristo, O. S. U.
- 5 — O papel da liturgia na formação dos filhos de Deus — D. Margaret O. S. B.
- 6 — A preparação doutrinal da catequista — M. Teresa de Cristo, O. S. U.
- 7 — A organização do catecismo nas escolas paroquiais — D. Horacio.
- 8 — A palavra de Deus e Conclusões — S. Excia. o Sr. D. Luiz Mousinho.

Os debates foram muito animados. As conclusões, o mais importante como condição de se passar à execução, foram redigidas na última noite, em presença do Sr. Bispo Diocesano, depois de uma celebração litúrgica da "Palavra de Deus", na qual todos, rezando e cantando numa só voz e num só coração, sentiam a importância desta Palavra e a honra de ser um dos seus arautos.

Durante a Semana uma exposição de material catequético, livros, manuais, quadros, discos, etc., ficou à disposição dos visitantes. Foram também apresentados filmes, destacando-se dois lindos sobre a Missa, em cores, feitos com muita piedade e muito gosto. Podem-se encontrar no Departamento



mento de Catecismo, no Rio de Janeiro, como no Centro Catequético de Ribeirão. Uma das conclusões da Semana foi realizada imediatamente, com a criação de um Centro Catequético na cidade, para melhor ajudar as catequistas. O Departamento sente-se muito satisfeito em cumprimentar o novo Centro, desejando-lhe muito sucesso, na realização das conclusões da Semana, sobretudo na organização de um curso de catequistas. Que muitos ouçam o chamado do Senhor para trabalhar na sua Messe, e ajudar o pequeno rebanho que já se dedica, sob a direção do Senhor Bispo Dom Luiz Mousinho. Pedimos a todos os leitores da Revista uma oração especial para o desenvolvimento desta obra. Conosco pedem esta oração milhares de crianças de Ribeirão Preto, na certeza de que as bênçãos de Deus recompensarão aqueles que trabalham por lhes dar Jesus Cristo, Aquele que "tem as palavras da vida eterna".

## DIRETRIZES PARA OBRAS RELIGIOSAS QUE TENHAM

### LEIGOS NA DIREÇÃO

- 1 — O mais importante é o contrato inicial em que se estipulam cláusulas TAIS QUE se permita autonomia às religiosas quanto à Direção interna da obra. Não fazer este contrato sem consultar o Bispo Diocesano ou a Conferência.
- 2 — Não criticar a Diretoria externa com outros, leigos ou religiosos. Ninguém precisa saber dos desentendimentos existentes.
- 3 — Fazer o possível para que haja, pelo menos, uma religiosa na Diretoria externa.
- 4 — Prever no contrato inicial a possibilidade de modificação das cláusulas mediante mútuo acôrdo.
- 5 — Que haja dupla Diretoria — uma externa (leiga) e uma interna (religiosa).
- 6 — E' necessário que haja, na Diretoria, religiosas habilitadas. Diz-se que os leigos exorbitam de suas funções porque as religiosas não têm preparo. Curso de administração de Obras? Mais cuidado no preparo das religiosas destinadas a assistência a menores: orfanatos, creches.



- 7 — Não ter medo de reprovar o êrro moral não pactuando com êle.
- 8 — Garantir, no contrato inicial, um mínimo de numerário de que a Diretoria interna (rengiosa) possa dispor sem pedir licença (casos de concertos, etc.).
- 9 — Garantir um mínimo de salário para os leigos que devem ser contratados de tal maneira que se possa admitir pessoal nomeado para as respectivas funções, ou, ao menos, capaz de aperfeiçoamento e orientação.
- 10 — Aceitar a orientação externa mas guardar a liberdade para as necessárias modificações dessa orientação ditada pela experiência cotidiana. Garantir à Diretoria interna a seleção dos assistidos. Se isto não for possível, estabelecer um critério mínimo para esta seleção — que pelo menos se garanta uma certa homogeneidade entre os assistidos enviados.
- 11 — Garantir a que as religiosas tecnicamente preparadas (professôras, enfermeiras, etc.) tenham voz ativa no seu campo específico.
- 12 — Fazer o máximo esforço para não aceitar nenhum assistido acima da capacidade da obra o que superlota as instalações, diminui o rendimento das religiosas, prejudica os demais assistidos e, em consequência, provoca as críticas externas.
- 13 — Manter um Diário de ocorrências e de Trabalho a fim de apresentar, ao menos trimestralmente, à Diretoria externa, um relatório circunstanciado do trabalho realizado a fim de que saibam as dificuldades que se apresentam, o trabalho feito e dêem valor ao mesmo. Guardar cópia.
- 14 — Tomar cuidado quanto às estatísticas solicitadas, questionários, etc. Não é a tudo que se deve responder. Normas precisas e seguras...
- 15 — Que as religiosas procurem olhar objetivamente a sua obra — prós e contras — procurando fortalecer os pontos positivos e anular os negativos.
- 16 — Tratar os leigos como leigos — não exigir deles nem esperar dos mesmos virtudes religiosas.
- 17 — Lembrar que os leigos têm o direito de exigir das religiosas as virtudes de que fazem profissão.
- 18 — Quando a obra tem profissionais leigos trabalhando, aceitar a orientação dos mesmos no seu campo específico não deixando que êles ultrapassem o referido campo.



- 19 — Procurar fazer uma coordenação entre os vários serviços de uma obra, principalmente quando há leigos e religiosos à frente dos mesmos serviços. Reuniões periódicas. Nestas reuniões, não se limitar apenas ao campo administrativo. Os leigos devem sentir que trabalham com religiosas interessadas, antes de mais nada, na salvação das almas de seus assistidos. Espírito sobrenatural.
- 20 — Também são necessárias reuniões periódicas entre as duas Diretorias.
- 21 — Que as normas de trabalho adotadas tanto pela Diretoria externa quanto pela interna sejam postas por escrito.
- 22 — Procurar fazer as rotinas dos vários serviços da obra, de tal maneira que, ao se mudar o pessoal, quem vem substituir possa continuar o trabalho nos mesmos moldes. De vez em quando rever as rotinas.
- 23 — Uma das coisas que cria muitos problemas com a Diretoria externa e atrapalha o serviço da obra é a mudança constante do pessoal religioso. Deve ser assegurado, no mínimo, um período que garanta alguma produção.
- 24 — Quando for enviado pela Diretoria externa pessoal que não corresponda à expectativa, representar por escrito para salvar a responsabilidade das religiosas.
- 25 — Na redação do contrato, ao fixar o número de religiosas remuneradas, prever a possibilidade de aumentá-lo, caso as necessidades da obra exijam êste aumento, com a devida remuneração.
- 26 — Prever e determinar a situação das religiosas não adidas aos trabalhos da obra, e que entretanto, ficam residindo na mesma casa, mantidas pela obra.
- 27 — Estabelecer claramente que o pessoal técnico, remunerado, será fornecido pela Congregação, sempre que esta o tiver disponível. Sòmente na falta de pessoal religioso técnico é que se poderá recorrer a elementos estranhos, nêste caso, as religiosas tomem a precedência, procurando o leigo competente e amigo, para apresentar à diretoria leiga, pedindo nomeação.

(Estas normas foram elaboradas pelo Departamento de Serviço e Assistência Social; a Conferência as apresenta, como sugestão e material de estudo, às Comunidades Religiosas).



## NOVAS FUNDAÇÕES

**CHARRUA** — 3.º Distrito de Getúlio Vargas — Rio Grande do Sul — Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração. Edifício pronto, construído em terreno da igreja matriz, que o cederá às religiosas que se dispuserem a assumir a obra. Poderão dirigir também o grupo escolar local, e nele lecionar, percebendo os vencimentos pagos pelo Estado às professoras primárias. A paróquia projeta também a construção de um hospital, para o qual desejam religiosas enfermeiras. Região boa para o cultivo de vocações.

**SARANDI** — Rio Grande do Sul — Ginásio novo, com capacidade para 120 alunos internos. Município próspero, zona colonial. A paróquia conta com 12 mil almas, quase todos de origem italiana e quase todos católicos. Há possibilidade de se conseguirem vocações. O ginásio é atualmente dirigido pela congregação religiosa dos Padres Carlistas. Desejam irmãs que possam se encarregar dos serviços de cozinha e lavanderia. As instalações já estão preparadas, satisfazendo a todos os requisitos.

**GOIANIA** — Estado de Goiás — No bairro de Campina, a 3 quilômetros do centro da capital, e a 1 quilômetro da paróquia de São Judas Tadeu, a cargo dos Padres Dominicanos, o Conselho Particular de São Vicente de Paulo construiu uma Vila Vicentina, com 39 residências pequenas de 2 e 3 quartos cada uma, ao todo por cerca de 48 adultos e 60 crianças. Conta a vila com uma igreja, de 17 metros por 8 metros, em fase de acabamento, escola primária, clube agrícola. A área de terreno pertencente à vila mede 30.000 m<sup>2</sup>. A vila é mantida pelos vicentinos, que contam para isto também com os recursos de subvenções regulares dos poderes públicos. Desejam religiosas para os trabalhos internos de administração e assistência espiritual aos asilos.

**BARRA DO PIRAI** — Estado do Rio de Janeiro — Edifício novo, três pavimentos, de 24 x 8 metros, acabado por fora, com instalações internas já terminadas. Estrutura sólida de cimento armado, ótimas esquadrias de peroba e cedro. No mesmo terreno, outro grande salão de um só pavimento, para escola ou festas. O terreno mede 4.500 m<sup>2</sup>. É proprietária a Associação Missionária de Maria Medianeira que o deseja passar a uma congregação religiosa, para o fim de fundação de um ginásio masculino. As práticas relativas a esta fundação devem ser tratadas com o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano de Barra do Piraí, ou com o Padre Francisco A. Barreira, diretor da Associação Missionária.

**ITAPETINGA** — diocese de Amargosa, na Baía — O Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano deseja irmãs para fundar na cidade um educandário. Faz doação do terreno e um auxílio inicial de cem mil cruzeiros.

**MARACÁS**, paróquia da mesma diocese, com 50.000 habitantes, a mil metros de altitude, em ótimo clima. A Diocese deseja confiar esta paróquia a uma congregação religiosa.

### NOSSA CORRESPONDÊNCIA

**DE DIVINÓLIS**, Minas Gerais, escrevem-nos o Padre Frei Agostinho Grings, secretário provincial dos Padres Franciscanos: "O Padre Provincial recebeu o primeiro número da nova "Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil, e manda agradecer cordialmente. Os Religiosos do Brasil estão de parabéns. Será um traço de união entre todos nós, um guia e apôlo. "Congregavit nos in unum Christi amor". Logo depois de lida pelo Padre Provincial, ele a passa à comunidade".



DO SEMINÁRIO SERAFICO DOS PADRES CAPUCHINHOS, DE VERANÓPOLIS, Rio Grande do Sul, escreve-nos o Padre Reitor, em 14.7.55; "Recebi, ontem mesmo, o primeiro número de "Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil". Ótimo. Nossos mais ardentes e franciscanos parabens, e todo o nosso apoio. Assisti ao Congresso dos Religiosos, do Rio, no ano passado. Trago ainda bem viva a lembrança dos trabalhos e luzes... E vejo agora outra conclusão do Congresso concretizar-se com o lançamento do primeiro número da Revista, órgão coordenador de nossas forças. Praza a Deus continue a Conferência nesta trajetória de luz, de progresso, de informação e socorro a todos os religiosos e religiosas de nosso imenso Brasil. A distância nos separa, mas a caridade na comunhão dos Santos nos enlaça, e a palavra escrita constitui o vínculo da união. Que Jesus Eucarístico ao receber tão comovente homenagem na terra de

Santa Cruz aceite mais este esforço da Conferência dos Religiosos derramando sobre tão providencial iniciativa o orvalho de sua graça".

DE MARCELINO RAMOS, RIO G. DO SUL, escreve-nos o Padre Aloisio Biesek, diretor do "O Mensageiro de Nossa Senhora da Salette": "Foi com imensa alegria e surpresa que recebi o primeiro número da Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil. E' deveras comovedora a cordialidade que reuma de tudo o que aí se diz. E' uma admirável organização, em vista de seu primeiro ano de existência. Quisera de minha parte colaborar e pedir colaboração, e em primeiro lugar no ramo da imprensa, que ainda não tem o seu Serviço próprio, mas que certamente não deixará de ter em breve, para orientar e ajudar os religiosos dedicados a esta atividade. Não raro apenas empiricamente exercitamos este apostolado, para o qual nos falta, muitas vezes, uma preparação adequada".

## SANTOS FUNDADORES — Fevereiro

### 2 — Santa Joana de Lestonac, viuva — 1556 - 1610.

Fundadora das Filhas de Nossa Senhora.

Nascida em Bordéus de família nobre, foi casada com o barão de Montferrand, do qual teve sete filhos. Viuva, entrou num mosteiro e, demitida por doença, fundou, compadecida das condições das moças do povo, o Instituto das Filhas de Nossa Senhora, do qual foi Superiora Geral. Sofreu calúnias e perseguições na maior resignação. Salientou-se na mortificação, caridade para com o próximo e piedade profunda. Foi canonizada por Pio XII.

### 4 — SANTA Joana de Valois, — 1464 - 1505.

Fundadora da Ordem da SS. Anunciação da B. Virgem Maria.

Filha de Luiz XI, rei de França, distinguiu-se desde criança pela sua piedade. Querendo se consagrar a Deus, foi constrangida pelo pai a se unir em matrimônio com o Duque de Orleans, seu primo, o qual a repudiou quando subiu ao trono de França com o nome de Luiz XII. Retirou-se em Bourges, onde viveu santamente e fundou a Ordem da SS. Anunciação da Virgem Maria. Beatificada em 1743, foi canonizada por Pio XII.



**6 — Santa Dorotéia, Virgem e Martir — 304.**

Protetora das Irmãs de Santa Dorotéia.

Foi martirizada em Cesaréa de Capadócia. Converteu várias pessoas durante o longo martírio e, quando já ia para o último suplício, Teófilo, pagão, pediu à Virgem, por ironia, que lhe mandasse rosas e frutos do jardim de seu espôso. Prometeu-lhos a intrépida Dorotéia. Rezou. Um menino apresenta, logo, a Teófilo, em nome da Martir, três belos frutos e rosas frescas, embora em pleno inverno. Convertido, Teófilo, sofreu também o martírio no mesmo dia.

**7 — São Romualdo, Abade — 907 - 1027.**

Fundador da Ordem Camaldulense.

Nasceu em Ravenna, de família nobre. Convertido, foi Beneditino, depois solitário, e finalmente fundador da benemérita Ordem Camaldulense, em 1012. Apesar de ser grande penitente, viveu até 120 anos.

**10 — Santa Escolástica, Virgem — 480 - 547.**

Fundadora das Beneditinas.

Nascida em Nórchia, desde cedo imitou a grande piedade de São Bento, seu irmão. Fez-se religiosa em Palumbariola, localidade próxima de Montecassino. Morreu aos 10 de fevereiro, três dias após o célebre entretenimento espiritual com São Bento.

**12 — Festa dos Sete Santos Fundadores da Ordem dos "Servitas" — 1233.**

Consagram-se os sete piedosos florentinos a honrar as Dores de Maria Santíssima, sendo a fundação no Monte Senário. Sepultados no mesmo túmulo, foram sempre venerados como santos. O Santo Padre Leão XIII canonizou-os, juntos, em 1887. Foram, segundo a tradição: Bonfílio Monaldi, João de Bonajuncta, Manetto dell'Antella, Amideo de'Amidei, Hugo de Uguccioni, Sóstene de Sostegno e Alexis Falconiere.

**As festas da Purificação e de Nossa Senhora de Lourdes são de grande consólo para as Congregações Religiosas.**

**Felicitações à Congregação de Nossa Senhora de Lourdes.**